

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL- Publicidade e Propaganda

Mariana Fonte Silva

AS BICHAS NÃO ACEITAM SER GAROTAS
História de Vida de uma Mulher Transexual

Porto Alegre, Dezembro de 2015.
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL- Publicidade e Propaganda

Mariana Fonte Silva

AS BICHAS NÃO ACEITAM SER GAROTAS
História de Vida de uma Mulher Transexual

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Comunicação Social – Habilitação Publicidade e Propaganda

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Nísia Martins do Rosário

Coorientador: Ms. Tainan Pauli Tomazetti

Porto Alegre, Dezembro de 2015.

Mariana Fonte Silva

AS BICHAS NÃO ACEITAM SER GAROTAS

História de Vida de uma Mulher Transexual

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação ...

Aprovado em: _____ de _____ de _____

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Nísia Martins do Rosário
Orientadora

Ms. Tainan Pauli Tomazetti
Coorientador

Ms. Dulce Helena Mazer
Examinadora

Ms. Alisson Machado
Examinador

Porto Alegre, dezembro de 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Cursos) intitulado “**AS BICHAS NÃO ACEITAM SER GAROTAS – HISTÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER TRANSEXUAL**”, de autoria de Mariana Fonte Silva estudante do curso de Comunicação Social – habilitação Publicidade e Propaganda, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 24 de novembro de 2015

Assinatura:

Nome completo do **orientador**: Nísia Martins do Rosário

AGRADECIMENTOS:

À vida e aos amigos.

*“Girls can wear jeans and cut their hair short,
wear shirts and boots, ‘cause it's OK to be a
boy. But for a boy to look like a girl is
degrading. Because you think that being a girl
is degrading. But secretly, you'd love to know
what it's like,
wouldn't you?”*

Madonna, What it Feels Like for a Girl

RESUMO

A questão mais essencial a este trabalho diz respeito à configuração das construções das noções de gênero em uma mulher transexual. Através da abordagem da história de vida proposta por Luís Jesús Galindo Cáceres (1997), este trabalho visa refletir sobre as temáticas de gênero a partir das relações sócio comunicativas estabelecidas na vida cotidiana de uma mulher transexual. Procuramos observar, dessa forma, quais são os sentidos atribuídos ao gênero nas dimensões processuais da vida de nossa informante – relacionadas, aqui, aos meios de comunicação e às práticas comunicativas envolvidas no desenvolvimento de suas identificações de gênero e sexualidade – através de sua história de vida.

Para tanto, pretendemos verificar como as práticas comunicativas são demarcadores do processo de identificação/performance de gênero da interlocutora, bem como descrever o processo de generificação sociocultural de uma mulher transexual, estabelecendo um diálogo entre a história de vida e conceitos da teoria *queer* e dos estudos culturais. Além disso, é de interesse deste trabalho entender como a dimensão da feminilidade sustenta as escolhas simbólicas e materiais da vida de uma mulher transexual.

Palavras-chave: Gênero, Comunicação, História de vida, Transexual, Feminino.

ABSTRACT

This research presents a discussion about the configuration of gender constructions and its understandings in the *life-world* of a transgender woman. Through the *life story* methodological approach developed by Luis Jesús Galindo Cáceres (1997), it was possible to reflect upon gender-related issues taking in account the social-communicative relations established in a transgender-woman's every-day life. The focus of this research is to investigate the meanings conferred to gender-related concepts in our informant's perspective – regarding media and communicative practices on the development of her gender and sexual-related identifications – through her life story.

Our aim is to inquire in which ways the communicative practices operate as markers of the informant's gender identification/performance as well as describe the process of sociocultural gender assignment of a transgender woman. In addition, it's in our interest to understand how the dimension of femininity determines the symbolic and material choices in a transgender woman's life.

Keywords: Gender, Communication, Transgender, Life Story, Woman.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. PESQUISA QUALITATIVA E HISTÓRIA DE VIDA	15
2.1. A Pesquisa Social Interpretativa	15
2.2. Enfoque Biográfico e História De Vida	20
2.3. A Metodologia dos Mundos Possíveis	26
2.3.1 <i>Empenhos reflexivos diante do método</i>	28
3. IMPRESSÕES E EXPRESSÕES	30
3.1. Apresentações	30
3.1.2. <i>Relação Prévia</i>	30
3.2. Protocolos de Aproximação	32
3.2.1. <i>Memorando Entrevista</i>	32
4. A VIDA DE ALANA: CAPÍTULOS 1 A 7	37
4.1. Nascimento e infância	37
4.2. O Tio Gay Soropositivo: Início das Comparações	38
4.3. Adolescência	40
4.4. Descobrir-se Garota	41
4.5. Início da Carreira	42
4.6. Começo do entendimento das coisas	44
4.7. Ser uma mulher transexual	45
5. MUNDOS POSSÍVEIS	47
5.1. Norma, Desvio e Coerência.....	47
5.2. Beleza e Performance dos Gêneros.....	49
5.3. Dimensões Femininas da Identidade.....	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	58

1. INTRODUÇÃO

As questões iniciais que motivaram essa pesquisa dizem respeito à construção das noções de gênero em mulheres transexuais. Nossa curiosidade inicial partiu de uma observação acerca das possíveis semelhanças entre as vivências das mulheres trans e cisgêneras no que tange às dimensões da feminilidade. A partir dessa problematização, nos encaminhamos a uma reflexão metodológica que pudesse nos aproximar da melhor forma possível ao do universo da pesquisa, principalmente em relação à experiência de vida e cotidianidade de mulheres transexuais.

Assim, esta pesquisa se conforma com a noção de que abordar o universo transexual é de suma importância para o que configura o desvelar das construções normativas que excluem esses sujeitos do centro dos debates sociais e acadêmicos. A reflexão que aqui se constrói torna-se, dessa forma, relevante não apenas pela necessidade de inclusão dessa comunidade ao debate acadêmico, mas também pela contribuição que os pontos de vista de seus sujeitos pode trazer para as desconstrução de padrões pré-estabelecidos acerca dos gêneros. Na definição de Simone Ávila e Miriam Pillar Grossi, “o termo transgênero se refere a uma pessoa que sente que ele ou ela pertence ao gênero oposto, ou pertence a ambos ou nenhum dos dois sexos tradicionais, incluindo travestis, transexuais, intersexuais (...)” (ÁVILA; GROSSI, 2010).

Destarte, vislumbrando dar voz aos sujeitos da pesquisa, descartamos qualquer possibilidade de produção de um trabalho exclusivamente teórico. O contato direto com os sujeitos aferidos na pesquisa era mais que essencial aos objetivos pretendidos pelo estudo. Diversas abordagens foram cogitadas durante o processo de desenho da pesquisa, todas pressupondo alguma forma de relação direta com o universo investigado. Após um extenso período de exploração (e questionamento) acerca da abordagem metodológica, decidimos nos apropriar das dimensões da história de vida (CÁCERES, 1997) como enfoque teórico-metodológico para a condução da pesquisa.

A escolha por adotar uma abordagem biográfica¹ acabou por mudar substancialmente o curso da investigação. Conformamo-nos com a perspectiva de que era preferível basear nossa investigação nas vivências de uma só pessoa. O

¹ A abordagem biográfica tem sido amplamente utilizada no Brasil, no Centro de Análise Econômica e Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Caes – PUCRS). As pesquisas tratam de temas como orfandade, (LUDWIG, 2014), violência e construções familiares (SUSIN, 2015), processos migratórios (CÉ, 2015), delinquência juvenil (SANTOS, 2012), entre outros. No contexto atual, Porto Alegre tem se configurado como um difusor do uso da abordagem biográfica nas ciências nacionais.

aprofundamento necessário para que pudéssemos ultrapassar a dimensão eventual e aproximarmo-nos da experiência cotidiana de uma mulher transexual, em nosso contexto, não teria como ser alcançado de outra forma. Além disso, os estudos empreendidos acerca do método fizeram crescer a convicção na importância de abrir-se ao mundo do sujeito pesquisado (ROSENTHAL, 2014). O princípio da abertura² em pesquisas biográficas convida o pesquisador a suspender temporariamente os problemas de pesquisa (ROSENTHAL, 2014). Segundo Rosenthal (2014), para que se possa alcançar o universo do sujeito pesquisado, é preciso abrir mão dos pressupostos e lançar-se ao campo empírico.

A interlocutora da pesquisa será introduzida aqui como Alana Saibro³. Alana é uma mulher transexual, tem trinta anos e trabalha como maquiadora no meio de produção audiovisual. A escolha da interlocutora entrevistada foi feita a partir de critérios que serão detalhados nos capítulos posteriores.

De toda a complexidade que demanda a abordagem das narrativas de vida, talvez esteja nesta postura aberta de condução da pesquisa o seu maior desafio. Em nosso contexto, o contato com a história de vida da entrevistada fez com que, durante o curso da investigação, os questionamentos iniciais fossem perdendo força, dando lugar a outros, que, por sua vez, também iam se transformando com o passar da apuração dos dados coletados. O critério de abertura, portanto, fez com que o problema de pesquisa e os objetivos fossem sofrendo frutíferas reconfigurações pelo contato direto com a interlocutora da pesquisa.

No decorrer desse trânsito, a questão que se mostrou mais essencial a este trabalho diz respeito à *como se configuram as construções das noções de gênero em uma mulher transexual a partir das relações sócio comunicativas estabelecidas em sua vida*. Procuramos observar, dessa forma, quais são os sentidos atribuídos ao gênero nas dimensões processuais da vida de nossa informante – relacionadas, aqui, às práticas comunicativas envolvidas no desenvolvimento de suas identificações de gênero e sexualidade.

Dessa maneira, nosso **objetivo geral** se conformou na perspectiva de compreender os sentidos atribuídos às construções de gênero no universo das mulheres transexuais através de uma narrativa de vida. Para tanto, vislumbrado este olhar

² O princípio da abertura, conforme descrito por Rosenthal (2014), será abordado de forma mais detalhada no capítulo teórico-metodológico.

³ Os nomes verdadeiros de todas as pessoas citadas no trabalho foram substituídos por nomes fictícios, em respeito à privacidade da informante.

qualitativo, os **objetivos específicos** prospectam em: 1) descrever o processo de generificação sociocultural de uma transexual, 2) verificar como as práticas comunicativas são demarcadores do processo de identificação/performance de gênero da interlocutora e, por fim, 3) entender como a dimensão da feminilidade sustenta as escolhas simbólicas e materiais da vida de uma mulher transexual.

Para uma melhor compreensão acerca das intenções desta investigação, é importante que deixemos claro o que, em nosso contexto, entendemos por práticas comunicativas. Nossa visão aproxima-se das reflexões de Jesus Martín-Barbero (2012) sobre a necessidade de ressignificação dos conceitos de comunicação e cultura no contexto atual. O autor sugere:

o deslocamento de um conceito de comunicação que segue atrelado à problemática dos meios, dos canais e das mensagens a um conceito de cultura no sentido antropológico: modelos de comportamento, gramáticas axiológicas, sistemas narrativos. Ou seja, um conceito de cultura que nos permita pensar os novos processos de socialização, (...) os processos através dos quais uma sociedade se reproduz, isto é, seus sistemas de conhecimento, seus códigos de percepção, seus códigos de valoração e de produção simbólica da realidade (MARTÍN-BARBERO, 2012, p.80).

Para Barbero (2012), pensar a comunicação para além da esfera da produção cultural restrita ao modelo informativo implica fundamentalmente começar a pensar os processos comunicativos partindo não das disciplinas, mas, antes, dos problemas e das operações de intercâmbio social – ou seja, a partir das matrizes de identidade e dos conflitos que articulam a cultura.

Tendo em mente essa proposta, o segundo capítulo expõe um panorama geral acerca da fundamentação teórica de uma pesquisa interpretativa e seus princípios gerais. A partir disto, foca-se na apresentação dos métodos de enfoque biográfico e da entrevista narrativa. Por fim, é descrita a abordagem da história de vida escolhida para a condução da pesquisa, e são detalhados os procedimentos metodológicos seguidos no levantamento dos dados utilizados na investigação. Em nosso contexto, a fundamentação teórica acerca do método é de grande importância.

A recuperação teórica acerca do método, apresentada no capítulo 2, mostrou-se de grande valia durante o processo de condução do estudo. Os conceitos apreendidos durante a escrita do capítulo foram internalizados pela pesquisadora, que empenhou-se em respeitar os princípios inerentes à pesquisa social interpretativa. Durante a condução da entrevista, procuramos nos manter fiéis ao princípio da abertura, que pressupõe “voltar-se, em primeiro lugar, ao sistema de relevância do agente cotidiano e buscar deixar de lado as nossas próprias relevâncias” (ROSENTHAL, 2014, p. 64).

Isso significa, do ponto de vista da condução do estudo, suspender temporariamente o problema de pesquisa, para que as hipóteses possam ser geradas organicamente durante o processo da investigação (ROSENTHAL, 2014). Com isso, tem-se que o recorte das abordagens de verificação teórica acompanhou o desenvolvimento da pesquisa.

O terceiro capítulo traz uma textualização da *experiência* (interior e exterior) da entrevista⁴. A intenção deste capítulo é aproximar o leitor tanto da interlocutora quanto da pesquisadora que dela se aproxima. A primeira parte do capítulo destina-se a fazer uma apresentação da entrevistada, bem como descrever a relação estabelecida entre ela e a investigadora previamente ao momento da pesquisa. Na segunda parte, são descritos todos os contatos realizados no contexto da pesquisa. Ainda nesta seção, são apresentados os registros do momento da entrevista – o memorando redigido à época do encontro.

O quarto capítulo consiste na reconstrução da história de vida. O capítulo apresenta as evidências empíricas levantadas na entrevista realizada com Alana. Os eventos da vida são dispostos cronologicamente como forma de estabelecer um panorama geral a respeito da temática da construção das noções de gênero em sua trajetória. Empreendemos grande esforço no decorrer do processo de reconstrução do relato.

Nossa intenção alinha-se aos objetivos metodológicos do programa dos mundos possíveis de Cáceres (1997), que prevê a fase da descrição (em nosso contexto, designada à reconstrução da história de vida) como o momento textualizar a experiência de forma a abri-la a diversas possibilidades de interpretação. Sendo assim, nos empenhamos em reconstruir a história de vida de forma a oferecer ao leitor um texto que possa ser apropriado das mais diferentes formas, e sobre o qual ele possa refletir a partir de seus próprios conhecimentos e visão de mundo. Acreditamos consistir neste empreendimento a maior contribuição do nosso trabalho.

O último capítulo faz um contraste entre a história de vida de Alana e teorias relevantes à investigação proposta. A aproximação com os estudos *queer* procura refletir acerca das estruturas dos dispositivos normalizadores que pautam as construções de gênero. Segundo Butler (2014), “gêneros inteligíveis são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero,

⁴ Conforme o programa dos mundos possíveis de Cáceres (1997) – que será detalhado posteriormente – a fase da exploração (aqui apresentada no capítulo 3) consiste numa primeira aproximação ao universo pesquisado, como forma de desvelar elementos que possam enriquecer o contato posterior com a história de vida.

prática sexual e desejo” (p. 43). Procuramos aproximar o processo de generificação sociocultural na trajetória de vida da interlocutora ao conceitos propostos por Butler (2014) como forma de evidenciar as estruturas presentes em sua inscrição.

No campo dos Estudos Culturais, o conceito de identidade, privilegiado na obra de Hall (2007), é importante para analisar de que forma a identidade de grupos minoritários é abarcada pela cultura. As reflexões de Hall (2014) acerca do sujeito pós-moderno estabelecem um diálogo com o conceito de *performatividade* em Butler (2014) para pensar as formas de auto-percepção da interlocutora.

2 PESQUISA QUALITATIVA E HISTÓRIA DE VIDA

Este capítulo destina-se a refletir os métodos e técnicas utilizados na realização da pesquisa, bem como descrever os procedimentos adotados no decorrer do processo da investigação. Serão expostos brevemente os princípios de uma pesquisa social interpretativa, a tradição da sociologia de orientação fenomenológica e da sociologia compreensiva, bem como a forma como foram incorporadas às discussões no âmbito da comunicação.

A primeira parte do capítulo estabelece um panorama geral das teorias que fundamentam o método, suas origens históricas, os fundamentos e princípios da pesquisa social interpretativa e seus pressupostos teóricos.

Em um segundo momento, é apresentado o conceito de história de vida utilizado no trabalho. Dentre as diversas possibilidades oriundas da tradição interpretativa, foca-se na apresentação dos métodos de enfoque biográfico, escolhidos na consecução dos objetivos propostos nessa investigação. São expostas diferentes fases na abordagem da metodologia da história de vida, bem como seu atravessamento com o campo da comunicação.

Em um terceiro momento, são apresentados os procedimentos técnicos adotados durante a pesquisa, que tem como base a “metodologia dos mundos possíveis” de Luis Jesús Galindo Cáceres. Esta seção concentra-se em descrever os empenhos reflexivos acerca da indicação metodológica de Cáceres (1997), bem como a experiência pessoal da construção metodológica da pesquisa.

Por entendermos que esse é um trabalho que tem sua proposta assentada sobre a proposta empírica e a experimentação – que oportunizará reflexões sobre questão de gênero e práticas comunicativas – optamos por cercarmos de teorias da pesquisa social interpretativa.

2.1 A Pesquisa Social Interpretativa

A história de vida de cada pessoa é constituída com base na história da sociedade em que ela está inserida. A sociedade não é um conjunto de estruturas dadas, de “fatos” independentes da ação humana. Tampouco o indivíduo possui uma essência pura, que conserva imaculada à sua existência no mundo. É na interação que indivíduo e sociedade se constroem mutuamente (ELIAS, 1994).

O termo *pesquisa social interpretativa* remonta à diferenciação que Thomas Wilson estabeleceu entre os paradigmas normativo, que entende o indivíduo “como um organismo que reage a um sistema simbólico compartilhado”, e interpretativo, que compreende o sujeito “como organismo agente e conhecedor” e que produz a realidade social na interação com outros indivíduos (ROSENTHAL, 2014, p. 21).

Existe uma variedade imensa de entendimentos e vertentes no campo da pesquisa qualitativa no que diz respeito ao levantamento e à análise dos dados e às bases teóricas que fundamentam seus conceitos. Rosenthal (2014, p. 19) relaciona à pesquisa social qualitativa a *lógica da descoberta*, isto é, o procedimento pelo qual hipóteses são geradas ao longo do processo de investigação. Deste modo, procura-se evitar a formulação prévia de hipóteses baseadas exclusivamente nos pressupostos do pesquisador e como forma de respaldar suas teorias.

A pesquisa qualitativa nas ciências sociais é fruto de uma recusa à lógica positivista postulada por Auguste Comte e seus seguidores, que procura estabelecer uma unidade entre as ciências e as dispõe como consequências causais umas das outras numa linha evolutiva (GOLDENBERG, 2004, p. 17). Segundo Goldenberg (2004), o positivismo de Auguste Comte influenciou o pensamento de Durkheim, decisivo na adoção do modelo das ciências naturais pelas ciências sociais: “Durkheim defendia que o social é real e externo ao indivíduo, ou seja, o fenômeno social, como o fenômeno físico, é independente da consciência humana e verificável através da experiência dos sentidos e da observação” (GOLDENBERG, 2004, p. 17).

A distinção entre “natureza” e “cultura” proposta pela sociologia compreensiva (GOLDENBERG, 2004, p. 18) está na base das escolhas metodológicas deste trabalho. Para fazer jus à essa distinção, coube aos cientistas sociais alinhados à essa tradição de pensamento o esforço de encontrar métodos de pesquisa que “possibilitem o acesso tanto às percepções e processos de definição dos próprios agentes do cotidiano como também à constituição da realidade social nos processos interativos do agir social” (ROSENTHAL, 2014, p.39).

A sociologia compreensiva, que começa a ser desenvolvida no início do século XX, encontra suas bases no historicismo alemão. Goldenberg (2004) cita o filósofo alemão Wilhelm Dilthey como um dos primeiros autores a criticar a aplicação das metodologias das ciências naturais às ciências sociais, em função da diferença fundamental entre seus objetos de estudo. Segundo a autora, “nas primeiras, os cientistas lidam com objetos externos passíveis de serem conhecidos de forma objetiva,

enquanto nas ciências sociais lidam com emoções, valores, subjetividades” (GOLDENBERG, 2004, p. 18).

Nesse sentido, Dilthey aponta para a necessidade de compreendermos cada caso concreto em sua singularidade, sem buscar enquadrá-los em leis generalizantes como convém às ciências naturais (GOLDENBERG, 2004). Vemos a influência do pensamento de Dilthey na definição de sociologia proposta por Max Weber:

Sociologia [...] significa: uma ciência que pretende compreender interpretativamente o agir social e, deste modo, esclarecer sua causa a partir de seus efeitos e considerando-os em seu curso. “Agir” corresponde a um comportamento humano (seja um fazer externo ou interno, omissão ou tolerância), sempre e apenas quando o agente relaciona a ele um *sentido* subjetivo. “Agir social”, por seu turno, configura um agir que, tendo em vista o sentido visado pelo agente ou pelos agentes, faz referência ao comportamento alheio, a cujo curso encontra-se orientado (WEBER, *apud* GOLDENBERG, 2004, p. 24).

Rosenthal (2014) aponta os trabalhos de Max Weber e o exame crítico de Alfred Schütz das teses weberianas como marcos importantes para o desenvolvimento metodológico do que hoje chamamos pesquisa interpretativa. À forte influência teórica da sociologia compreensiva, soma-se o aporte das pesquisas empíricas desenvolvidas à mesma época na Escola de Chicago. “Devido à sua forte preocupação empírica, uma das contribuições mais importantes da Escola de Chicago foi o desenvolvimento de métodos originais de pesquisa qualitativa” (GOLDENBERG, 2004, p. 28). Um de seus traços marcantes, segundo Goldenberg (2004), é “a orientação multidisciplinar, envolvendo, principalmente, a sociologia, a antropologia, a ciência política, a psicologia e a filosofia” (p. 25).

Temos no interacionismo simbólico de George Herbert Mead uma das mais importantes influências teóricas no desenvolvimento dos trabalhos da Escola de Chicago. Segundo Rosenthal (2014), “em suas análises, Mead chega à conclusão de que a identidade individual sempre irá pressupor a sociedade” (p. 41).

O componente significativo de um ato acontece através do role-taking: o indivíduo deve se colocar no lugar de outro. Ao afirmar que o indivíduo possui um self, Mead enfatiza que, da mesma forma que interage socialmente com outros indivíduos, ele interage consigo mesmo. O self representa o outro incorporado ao indivíduo. É formado através das definições feitas por outros que servirão de referencial para que o indivíduo possa ver a si mesmo. (GOLDENBERG, 2004, p. 26)

Na década de 1970, surge, nos Estados Unidos, a antropologia interpretativa (GOLDENBERG, 2004). De acordo com Geertz (2008, p. 4), grande autor dessa vertente, “em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia”. Para Geertz, o que define o empreendimento

etnográfico, muito mais que um conjunto de técnicas e procedimentos, é “o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa".

Segundo Goldenberg (2004, p. 31), “a etnometodologia apóia-se nos métodos fenomenológicos e hermenêuticos com o objetivo de compreender o dia-a-dia do homem comum na sociedade complexa”, e tem por objetivo “descobrir as práticas e representações segundo as quais as pessoas negociam, cotidianamente, a sua inserção nos grupos”. Nas palavras de Bertaux:

A abordagem etnossociológica visa compreender um objeto social “em profundidade”: se ela recorre às narrativas de vida, não é para compreender essa ou aquela pessoa em profundidade, mas para extrair das experiências daqueles que viveram uma parte de sua vida no interior desse objeto social informações de descrições que, uma vez analisadas e reunidas, ajudem a compreender seu funcionamento e suas dinâmicas internas” (BERTEAUX, 2010, p. 60).

Nesse sentido, as linhas de pesquisa decorrentes do paradigma interpretativo buscam aproximar-se da realidade social dos sujeitos pesquisados através de procedimentos abertos. Estes procedimentos “tem por objetivo investigar as práticas da ação social na complexidade do dia-a-dia e apreender o mundo a partir da perspectiva dos agentes no cotidiano” (ROSENTHAL, 2014, p. 22). O paradigma interpretativo sugere que o pesquisador se abra para o mundo do entrevistado. Em termos práticos, isso significa ir a campo sem hipóteses previamente formuladas.

Por estar desatrelada à necessidade de representatividade dos seus resultados, a pesquisa interpretativa é adequada quando se pretende investigar fenômenos desconhecidos, mundos da vida ainda pouco analisados ou “causadores de estranhamento” (ROSENTHAL, 2014). Nesse contexto, a tarefa do pesquisador consiste “não em explicar estados de coisas, mas, antes, em descrever ‘settings’ originais, e isso a partir da reflexão sobre suas próprias interpretações do dia-a-dia” (ROSENTHAL, 2014, p. 29). Daí um dos motivos da escolha por essa vertente para o desenvolvimento deste trabalho. O “mundo da vida” dos indivíduos transexuais ainda é muito pouco explorado em pesquisas acadêmicas. O preceito da não-normatividade postulado pelo paradigma interpretativo é pertinente à investigação do universo transexual, uma vez que esses sujeitos não se enquadram na lógica binária de divisão dos gêneros *masculino* e *feminino*.

A pesquisa social interpretativa possui diversas abordagens que divergem muito entre si. Todas, porém, partem do pressuposto de que o mundo em que estamos inseridos não é estático e que “os indivíduos agem com base em suas interpretações da realidade social, a qual, por sua vez, é continuamente produzida na interação, mas de

acordo com determinadas regras” (ROSENTHAL, 2014, p. 49). Essa perspectiva une dois princípios fundamentais da pesquisa social interpretativa: o princípio da comunicação e o princípio da abertura.

Ao interpretar a realidade, “o indivíduo recorre a estoques de conhecimento coletivos, cujo entendimento varia segundo experiências de vida e que implicam, sobretudo, aplicação criativa, reflexiva, na situação concreta da ação” (ROSENTHAL, 2014, p. 50). Desta forma, faz-se necessário, durante o processo da pesquisa, que “lancemos mão de procedimentos comunicacionais os quais, por sua vez, abrem espaço para processos cotidianos de entendimento e de produção, de negociação de significado” (ROSENTHAL, 2014, p. 55).

A geração de dados é uma atividade comunicativa. (ROSENTHAL, 2014). É preciso que haja um acordo entre os indivíduos, uma negociação nos entendimentos para que se produza qualquer significado. Segundo Rosenthal (2014), Fritz Schütze chega a atentar para o cenário de uma “pesquisa social comunicativa” (p. 55). Esse atravessamento entre as disciplinas está sinalizado em Giddens (1998):

Todas as disciplinas têm seus fundadores porque eles são parte de seus mitos de origem. Não há mais divisões naturais entre as disciplinas do que entre países em um mapa. Toda disciplina intelectual reconhecida passou por um processo de autolegitimação não muito diferente daqueles que estiveram envolvidos na fundação das nações. Todas as disciplinas têm suas histórias de ficção [...] que evocam mitos do passado como um recurso para cartografar seu próprio desenvolvimento interno e sua unidade, assim como para estabelecer seus limites em relação às disciplinas vizinhas. (GIDDENS, *apud* SUSIN, 2014, p. 74).

Aqui vale mencionar que as áreas de conhecimento se atravessam constantemente. Por isso não devemos enclausurar as disciplinas em seus mitos de origem, mas valeremo-nos das cartografias de cada uma delas de modo a aproveitar as oportunidades de reconfiguração subjetiva das fronteiras – como convém ao espírito do tempo em que vivemos. A comunicação está inscrita em todas as práticas sociais. É importante explorarmos a dimensão social dos processos comunicativos, não nos restringindo a uma compreensão tecnicista dessa disciplina.

Martín-Barbero aponta para um possível aprisionamento teórico quando nos dedicamos demais à delimitar, ou “construir” nossos objetos de estudo. O autor nos convida a explorar outros espaços, a buscar nas pessoas, nos sujeitos que praticam o exercício da comunicação cotidianamente, novas formas de reflexão. Barbero (2009) propõe “atrevermo-nos a inventar um outro modo de pensar a comunicação, já não mais a partir da psicologia social norte-americana ou da semiótica francesa, mas a partir da

cultura, das culturas, da nossa própria vida social e cultural” (BARBERO, *apud* NUNES; MELO, 2013, p. 4).

O princípio da abertura remonta às raízes da tradição fenomenológica que fundamentam o método. Goldenberg aponta para a influência da fenomenologia de Husserl nos trabalhos empíricos desenvolvidos na Escola de Chicago:

proceder a uma análise fenomenológica é substituir as construções explicativas pela descrição do que se passa efetivamente do ponto de vista daquele que vive a situação concreta. A fenomenologia quer atingir a essência dos fenômenos, ultrapassando suas aparências imediatas. O pensamento fenomenológico traz para o campo de estudo da sociedade o mundo da vida cotidiana, onde o homem se situa com suas angústias e preocupações. (GOLDENBERG, 2004, p. 31)

Sendo assim, cabe ao pesquisador colocar seus questionamentos prévios “entre parêntesis”, com o intuito de dar espaço para que novas hipóteses surjam no decorrer do processo de levantamento empírico dos dados. Com isso, tem-se que “o desenvolvimento de formas de verificação teórica acompanha o desenvolvimento da pesquisa” (ROSENTHAL, 2014, p. 59). O princípio da abertura exige, antes de tudo, disposição para a descoberta do novo, exige se deixar envolver pelo campo empírico. Estar aberto significa também aceitar mudanças em seu estoque de conhecimento. (ROSENTHAL, 2014).

Essa forma de fazer pesquisa implica na reconstrução da própria visão de mundo do pesquisador, que se dá na interação com o outro. Na pesquisa social interpretativa, parte-se do princípio de que é impossível vivenciar uma situação concreta (ou até mesmo recordá-la) sem fazer referência à situação definida por aqueles que participaram de sua constituição (ROSENTHAL, 2014).

A seção anterior serviu como forma de introduzir brevemente pressupostos teóricos e correntes de pensamento vinculados aos aspectos teórico-metodológicos construídos nessa investigação. A seguir, serão apresentadas particularidades do método da história de vida, bem como os conceitos ligados às abordagens de enfoque biográfico.

2.2 Enfoque Biográfico e a História de Vida

Emolduradas na tradição interpretativa, as abordagens de enfoque biográfico caracterizam-se por um compromisso com o relato como processo de resgate da memória individual, através do qual a vida vai sendo revisitada pelo indivíduo que conta sua história (BARROS; BARROS; NOGUEIRA, 2007). O sociólogo francês

Daniel Bertaux (1993) apresenta uma diferenciação terminológica que nos ajuda a esclarecer os intentos mais fundamentais de algumas das modalidades do método da história de vida.

Bertaux adota a distinção proposta por Norman K. Denzin (1970) entre os termos, *life story* e *life history* para conceituar duas abordagens distintas da história de vida (BERTAUX, 1993). Denzin utiliza *life story* para designar “a história de vida de uma pessoa tal como é contada pela pessoa que a vivenciou” (BERTAUX, 1993, p. 4). Neste contexto, Bertaux prefere utilizar a expressão *relato de vida* (*récrit de vie*, em francês), por considerá-la mais precisa. Quanto ao termo *life history*, Denzin sugere que seja destinado aos estudos de caso que compreendem não apenas o relato de vida, mas também diversos tipos de documentos que dizem respeito ao sujeito pesquisado – como boletins médicos, atestados judiciais, testes psicológicos, depoimentos de pessoas próximas, entre outros (BERTAUX, 1993).

Segundo Schütz, todas as vivências comportam uma dimensão social (BERTAUX, 2010, p.60). Essa perspectiva apresentada por Schütz, “resume em si o espírito pelo qual as narrativas de vida, como testemunhos da experiência vivida, podem ser colocadas a serviço da pesquisa sociológica” (BERTAUX, 2010, p.60). Para Bertaux, através do relato de vida é possível “reunir dois aspectos da mesma realidade social que normalmente aparecem dissociados: o socioestrutural e o sociosimbólico” (GRISA, 2003, p. 289).

Segundo Bertaux (1993), estruturas de produção, formação de classes sociais e modos de vida de determinados grupos sociais constituem alguns dos objetos de estudo do tipo socioestrutural. De acordo com o autor, investigações orientadas pelo campo socioestrutural buscam a fundamentação das múltiplas regularidades de comportamento e a recorrência dos processos revelados pelos relatos de vida nas formas particulares da vida material – produção e reprodução, trabalho e consumo.

Em aparente oposição à orientação socioestrutural, situam-se os trabalhos que atentam para fenômenos simbólicos, e tendem a diferenciar as formas e estruturas particulares do nível sociosimbólico. Através dos relatos de vida e das autobiografias, através tanto de suas *formas* como de seus conteúdos, “os investigadores tratam de distinguir conjuntos de valores e de representações que existem primeiramente em nível coletivo, antes de apropriarem-se, em maior ou menor grau, das subjetividades” (BERTAUX, 1993, p. 8).

Bertaux (1993) observa que o estudo do socioestrutural e o do sociosimbólico não procedem da mesma maneira. Porém, estes dois “níveis”, o socioestrutural e o

sociosimbólico, são, na verdade, duas faces de uma mesma realidade social. Por isso, todo estudo em profundidade de um conjunto de relações sociais deve considerá-los simultaneamente.

Finalmente, o elemento social não está feito de cimento; é político e «trabalha» sob a pressão de forças contrárias e cambiantes. Se estrutura o campo da práxis, é, por sua vez, objeto dela, é o desafio da práxis. Uma sociologia que não se limitasse a analisar a ordem instituída, mas que trata de captar as contradições que engendra e as transformações estruturais que dela resultam, deveria, pois, esforçar-se em reunificar o pensamento do estrutural e do simbólico, e superá-los para chegar a um pensamento da práxis (BERTAUX, 1993, p.9).

Nesse sentido, relatos biográfico, por mais particulares que sejam, são sempre reveladores de práticas sociais: “trazem à luz direta ou indiretamente uma quantidade de valores, definições e atitudes do grupo ao qual o indivíduo pertence” (RIBEIRO; SANTOS, 2000). O método de história de vida, portanto, como nos ajuda a pensar Grisa (2003), procura apreender os elementos gerais contidos nos relatos pessoais, como forma de tentar compreender o universo do qual os sujeitos desses relatos fazem parte: “é a técnica capaz de captar o que acontece no cruzamento da vida individual com o social” (GRISA, 2003, p. 287).

Tendo em mente as diversas abordagens e dimensões dos métodos de história de vida, Marinas e Santamarina (1995) concentram-se em estabelecer três etapas principais em sua utilização. A divisão proposta nos ajuda a esclarecer o conjunto de procedimentos das técnicas de história oral como forma de investigação acadêmica. A primeira fase, chamada pelos autores de antropologismo conservacionista, compreende o período que vai do início do século XX até os anos 30⁵. Nesta etapa as histórias de vida estão fundamentalmente orientadas pela prática antropológica. Frente a uma sociedade em pleno processo de industrialização, a autocrítica ao etnocentrismo postulada pela antropologia enxerga no conservacionismo uma saída técnica de combate ao desaparecimento das culturas pré-industriais (MARINAS; SANTAMARINA, 1995).

A tarefa tem como objetivo fundamental as biografias de sujeitos destacados das sociedades pré-industriais, que coexistem com o desenvolvimento da industrialização, e com vidas que se constroem no âmbito comunitário. O importante deste primeiro laboratório é que logo dará lugar ao objeto próprio das histórias de vida tal como hoje as entendemos: as mudanças nos processos de identidade entre o comunitário e o societário. As transformações não apenas estruturais mas também biográficas, produzidas pelos fluxos migratórios, inter e intranacionais” (MARINAS; SANTAMARINA, 1995, p. 263)

⁵ O estudo intitulado “O lavrador polonês na Europa e nos Estados Unidos”, desenvolvido por William Isaac Thomas e Florian Znaniecki entre 1918 e 1920 na Universidade de Chicago, é citado por Marinas e Santamarina (1995) como o exemplo “primeiro e fundacional” desta primeira fase da utilização dos métodos de história de vida. (MARINAS; SANTAMARINA, 1995).

A segunda fase apontada por Marinas e Santamarina (1995) na utilização dos métodos de história de vida é marcada pelo deslocamento do eixo de atuação desses estudos. Em lugar das comunidades pré-industriais, os estudiosos passam a ocupar-se das populações marginalizadas e desviantes que compõe os cenários urbanos. Nesta etapa, o conservacionismo dá lugar ao interacionismo: procura-se entender os processos em que a marginalização ultrapassa a marca macrosociológica, tornando-se elemento estrutural das biografias dos sujeitos marginalizados. (MARINAS; SANTAMARINA, 1995).

Os trabalhos desenvolvidos nas décadas de 1970 e 1980 marcam a terceira fase na utilização dos métodos de história de vida, que vigora até hoje. Sua abordagem passa a compreender não somente os grupos marginalizados ou exóticos, mas também indivíduos e populações dentro dos segmentos médios da sociedade. Marinas e Santamarina (1995, p.266) consideram ser este o momento crucial em que “começa uma verdadeira reflexão metodológica e epistemológica, que sai do campo da história oral para reformular muitos elementos centrais na teoria sociológica”.

A perspectiva biográfica de Daniel Bertaux resume o espírito dessa última etapa – e destaca-se como norteadora da construção metodológica desta pesquisa:

A expressão perspectiva biográfica constitui uma aposta de futuro. Expressa efetivamente uma hipótese: o investigador que começa a recolher relatos de vida, acreditando talvez que utiliza uma nova técnica de observação dentro de uns marcos conceituais e epistemológicos imutáveis, se verá paulatinamente levado a questionar, um depois do outro, ditos marcos. O que estará em jogo não será a mera adoção de uma nova técnica, senão a construção progressiva de uma nova prática sociológica; uma nova perspectiva que, entre outras características, permitiria reconciliar, de uma vez por todas, a observação e a reflexão (BERTAUX, 1993, p. 5).

Marinas e Santamarina (1995, p. 260) chamam atenção para o momento histórico em que os métodos de história oral voltam a ganhar importância nos âmbitos da investigação acadêmica. Para os autores, a história de vida e as biografias parecem ter, neste momento, uma importância nova “precisamente porque há uma revisão em profundidade de nossos saberes sociais – não apenas sociológicos – frente ao conjunto de fenômenos de ruptura de códigos culturais e ideológicos, dos sistemas convencionais de referência”. Neste sentido, Bertaux observa que:

Como quer que seja, a situação geral se transformou profundamente. Atravessamos agora um período *pluralista* (Wiley, 1979) em que nenhuma nação, nenhuma teoria, nenhum método podem pretender a hegemonia; e esta situação é extremadamente favorável para o surgimento da imaginação sociológica. Nunca a sociologia mundial, nem a sociologia norte-americana, foram tão diversas como no curso destes últimos anos; e esta diversidade, esta riqueza indicam bastante bem que a «crise da sociologia» da que tanto se tem falado não era mais do que a crise de seus paradigmas hegemônicos. (BERTAUX, 1993, p. 6).

Os problemas da construção das identidades contemporâneas são apontados por Marinas e Santamarina (1995) como uma dimensão importante do que chamam *sintoma biográfico*. Os autores observam que a crise dos modelos societários relega ao indivíduo a tarefa de construir sua própria identidade. “A difícil e necessária tarefa de contar-se, de reconstruir a própria história, pessoal e coletiva dá um peso específico ao campo de problemas com o quais se deparam as práticas de investigação da história oral” (MARINAS; SANTAMARINA, 1995, p. 260).

Stuart Hall (2014) observa que a modernidade implica não apenas um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente”, mas também “um processo sem fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior” (p.15). Nesse contexto, “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis” (HALL, 2014, p. 12). A prática da história de vida como perspectiva em que convergem distintas disciplinas e tradições de investigação requer, por conseguinte, atenção às “formas de intercâmbio e circulação da memória e das experiências no interior da cultura midiática, do espetáculo ou da dominação” (MARINAS; SANTAMARINA, 1995, p. 261).

Marinas e Santamarina (1995) sugerem que, apesar do esforço e da demanda pelo relato particular característicos do sintoma biográfico, esses relatos encontram-se progressivamente subordinados ao modelo da informação – “que não se ocupa das experiências, muito menos das experiências particulares” (p. 261). Deste modo, só adquiririam valor quando “traduzidos” ou “domesticados” pelo sistema de produção e transmissão discursivas decorrente das transformações das estruturas e dos meios de produção como postulados pela sociedade industrial.

Nesta perspectiva, a primeira tarefa epistemológica é, portanto, construir a distância justa à qual nos deparamos com as histórias de vida. De forma a não esquecer seu contexto de época e, ao mesmo tempo, não esquecer que trata-se de elementos de produção de sentido que possuem uma dimensão imediatamente social: não são solipsistas ou unilaterais (MARINAS; SANTAMARINA, 1995).

O objetivo do método da história de vida é, portanto, alcançar uma realidade que ultrapassa o narrador, revelando faces do mundo subjetivo em relação permanente e simultânea com a realidade social. (BARROS; BARROS; NOGUEIRA, 2007). Cabe ao pesquisador compreender a dinâmica das relações estabelecidas pelo indivíduo e dos processos comunicacionais por ele aplicados em sua inscrição no mundo cotidiano.

Rosenthal (2014) observa que a entrevista biográfica possibilita o acesso não apenas à perspectiva do indivíduo frente à realidade – que lhe transforma e é por ele transformada –, mas também na gênese dessas perspectivas e no histórico de vivência dos processos individuais. Ao orientar a entrevista pelas especificidades e relevâncias do próprio entrevistado, é possível descobrir “o modo como o indivíduo interpreta e produz seu mundo em processos interativos.” Trata-se de ir além dos estoques de conhecimento que são conscientes aos atores, “mas também analisar o conhecimento implícito e a produção interativa de significados para além das intenções dos agentes” (ROSENTHAL, 2014, p. 22).

A entrevista narrativa tem uma função “descritiva e avaliadora” (SPINDOLA; SANTOS, 2003). Ao falar sobre seu mundo interno, é comum que o sujeito faça associações que não havia feito anteriormente. Com isso, a narrativa de vida “põe em cena a reflexividade” (CÁCERES, 1997, p. 121). Rosenthal (2014) observa que “narrativas sobre o passado estão diretamente vinculadas ao presente da fala”. A situação em que o relato é produzido, o momento de vida de sua atualidade, “determina o olhar sobre o passado, isto é, produz um passado específico, recordado de acordo com o contexto” (p. 217). Os métodos narrativos, portanto, buscam compreender como o sentido é formado no decorrer do curso de ação. Lahire (2005) observa que:

Os atores não são feitos de um só pedaço, mas pelo contrário são *colagens compostas, complexos matizados de disposições (para agir e para crer) mais ou menos fortemente constituídos*. Isso não significa que sejam “sem coerência”, mas sim sem princípio de coerência único – *de crenças (modelos, normas, ideais, valores...) e de disposições para agir*” (LAHIRE apud CÉ, 2015, p. 32).

O vínculo entre o pesquisador e o sujeito pesquisado é de suma importância à prática do método da história de vida. Por tratar-se de uma situação que se assemelha às demais relações que mantemos com outras pessoas ao longo da vida, no contexto da entrevista “é necessário que o diálogo produzido tenha por base a sinceridade, a franqueza e a cumplicidade” (GRISA, 2003, p. 307). A confiança mútua que só pode existir a partir de tais valores, é extremamente benéfica ao processo.

Grisa (2003) observa que apenas os aspectos mais operacionais da aplicação das técnicas qualitativas em diferentes disciplinas têm unanimidade. Ao trabalhar com a história de vida, é preciso que o pesquisador construa sua metodologia levando em conta as necessidades e especificidades da investigação que deseja conduzir, bem como suas intenções quanto à contribuição que pretende fazer ao campo a que se dedica.

Para os fins deste trabalho, a definição de Luis Jesús Galindo Cáceres (1997) sobre a história de vida é de suma importância. Segundo Grisa (2003, p. 292), Cáceres

vê a história de vida para além de seu valor instrumental, preconizando-a como “uma opção de aprendizagem, de experiência e de comunicação que envolve dois sujeitos: o investigador e o investigado”. Assim, o objetivo desse método não se limita à investigação dos ciclos de vida de um sujeito, buscando acontecimentos relevantes em seus processos. Sua utilização “tem por base a ideia da reflexividade, da consciência do investigador como tal e de suas configurações de mundo”. Dessa forma, os próprios investigadores tornam-se objetos de questionamentos, e, à história de vida, impõe-se uma tarefa de reflexão e reconstrução da vida vivida, da experiência sintetizada.

No que se refere ao aspecto estrutural da prática do método, esta pesquisa toma como base a “metodologia dos mundos possíveis” proposta por Cáceres (1997). Segundo esta abordagem, as histórias de vida são ordenadas a partir de três objetivos cognitivos, inspirados na configuração tradicional do processo científico: a *exploração*, a *descrição* e a *significação*.

Esta seção concentrou-se em apresentar as abordagens de enfoque biográfico, as particularidades do método da história de vida, bem como estabelecer as perspectivas adotadas na construção metodológica. A seguir, serão detalhados os pressupostos da “metodologia dos mundos possíveis”, e a forma com que seus procedimentos foram incorporados à investigação proposta.

2.3 A Metodologia dos Mundos Possíveis

Segundo Cáceres (1997), os indivíduos são apenas parcialmente conscientes de sua participação no mundo. Somos, por um lado, atores conscientes das normas e padrões de interação. Ao mesmo tempo, não temos uma noção exata do nosso comportamento e reações diante da vida. Conforme o autor, “a relação entre o conhecimento e o mundo dá-se o nome de cognição. Tudo o que supõe uma interioridade do sujeito que o relaciona com uma exterioridade em formatos mentais é cognitivo” (p. 127).

Para entender o que pretendem os seres humanos com suas ações, o que esperam do mundo e de si mesmos, é preciso indagar sobre quais são os objetos cognitivos da experiência humana. Assim, “no caso da investigação social que pratica a história de vida, volta-se ao mesmo questionamento; a resposta é chave para compreender tanto a intenção como a configuração da ação prática” (CÁCERES, 1997, p. 128).

Segundo Cáceres (1997), a prática metodológica da história de vida pode ser ordenada de acordo com a relação entre três objetos cognitivos: a *exploração*, a

descrição e a significação. A exploração refere-se à aproximação primária a qualquer objeto de conhecimento. De acordo com as definições do autor: “é um objeto cognitivo de base, de enriquecimento do sentido comum e da vivência ordinária” (p. 130). Já, a descrição é um objeto estrito, e requer “uma representação a mais próxima possível da composição e da organização da vida; todo o detalhe é relevante, assim como a identificação das constantes e das generalidades” (p. 134). Por fim, a significação se revela “a aposta alta do conhecimento”, ou seja, o ponto em que o investigador ordena e confere sentidos à informação; “é o espaço onde se interpreta, onde se configura o sentido de tudo o que foi registrado e experimentado, é quando há que sintetizar e supor que existem muitas formas de entendimento” (p.130).

No programa apresentado por Cáceres, para cada um dos momentos há uma técnica metodológica correspondente: para o exploratório, o diário de campo; para o descritivo, a etnografia; e para o da significação, a entrevista. Cada uma dessas técnicas possui certas particularidades que as distinguem dos demais e de outros meios possíveis. Além disso, elas podem ajustar-se ao objetivo cognitivo correspondente, e, portanto, estabelecer certas relações entre si, seguindo o programa metodológico que as une (CÁCERES, 1997).

Segundo Cáceres, durante o processo da exploração o sujeito-pesquisador conhece a si mesmo, ao mesmo tempo em que (re)conhece o objeto social exterior. Será este sujeito quem vai analisar e concluir algo sobre o objeto social, portanto é pertinente que seu encontro com ele tenha uma temporalidade na qual ambos se interpretem na fusão da sensibilidade e da intuição com a racionalidade. A exploração tem afinidade com o diário de campo em sua estrutura aberta à expressão em geral. Esta etapa “igualada a vivência humana total à vivência da investigação; o sujeito é o importante, sua consciência e sua reflexividade são os elementos centrais do objeto e seu meio” (CÁCERES, 1997, p. 133).

No momento da descrição, a relação cognitiva com o objeto se dá de outra forma. Não é subjetiva e aberta como na exploração. Ao contrário, na descrição a relação cognitiva torna-se protocolar, e, portanto, mais fechada. Para Cáceres (1997, p. 134), “na descrição, o investigador é um etnógrafo, um instrumento de registro organizado e sistemático”. Essa atividade refere-se “à função cognitiva de interiorizar mediante representações tudo aquilo que é pertinente, segundo uma guia do objeto social”.

Segundo Cáceres, o último objeto cognitivo, a significação, é a perspectiva mais ampla de todo o programa. No processo da significação, “o sujeito joga com os mundos

possíveis, confere significado ao que conhece, lhe dá valor e projeta-o na complexidade organizada do universo social”(CÁCERES, 1997, p. 135). A entrevista é o meio adequado a esta etapa. Porém, Cáceres observa que a entrevista não se resume só a esta fase do trabalho. Ela cobre a estratégia de todo o processo.

Cáceres (1997) observa que os as formas de apropriação dos métodos estão sujeitas a muitas variáveis; como o que se deseja é mover-se em busca da informação interiorizada, tudo o que possa colaborar à sua exteriorização será bem-vindo. Ao incorporar estes três momentos descritos por Cáceres na prática da história de vida, foram adotadas estratégias particulares, porém que comportam as fases do processo de cognição acima relacionados.

2.4 Empenhos Reflexivos Diante do Método

Dessa forma, baseados em Cáceres (1997), nos alicerçamos dos três momentos cognitivos para construir a história de vida da interlocutora desta pesquisa. As escolhas dos procedimentos metodológicos para cada etapa da reconstrução do caso foram feitas com o objetivo de manter uma fidelidade às intenções de cada um dos momentos cognitivos descritos por Cáceres de forma a considerar o leitor neste processo. Os capítulos seguintes serão divididos de acordo com a relação entre os três objetivos cognitivos.

Em nosso contexto, nos apropriaremos do momento da *exploração* de forma a proporcionar ao leitor uma textualização da experiência (interior e exterior) do momento da entrevista. Segundo as orientações de Cáceres (1997, p. 146), “a entrevista guarda uma energia que se pode desdobrar em qualquer momento”. A primeira parte do capítulo de exploração destina-se a fazer uma apresentação da entrevistada, bem como descrever a relação estabelecida entre ela e a investigadora previamente ao momento da pesquisa. Na segunda parte, descritos todos os contatos feitos com a entrevistada no contexto da pesquisa – desde o convite para a participação, o agendamento do encontro, etc. Ainda nesta seção, são apresentados os registros do momento da entrevista – o memorando redigido à época do encontro. Aqui, o esforço pela objetividade se intensifica; procuramos expor tudo o que fenomenologicamente apareceu à percepção nos momentos de interação.

O capítulo destinado à *descrição* consiste no empenho de reconstrução da história de vida. De acordo com Cáceres (1997), todas as possibilidades que se apresentam – que se contradizem, se modificam e se configuram de acordo com a

imaginação – desaparecem na teorização de um único mundo possível que busque aproximar-se da verdade. O contato com o relato de vida mostra que essa verdade se move, que o sentido é parte do exercício configurador e que sempre há novas possibilidades de construção. Consideramos importante que o leitor tenha acesso ao relato na íntegra, para que possa tirar suas próprias conclusões, usando sua subjetividade, sua cognição e suas vivências para criar outros mundos possíveis.

A fase da *significação* compreende o último capítulo do trabalho e aciona a aproximação da reconstrução do caso com as problematizações teórico-conceituais referentes à temática da pesquisa. A partir dos movimentos de exploração e descrição, pôde-se refletir sobre o relato e dessa forma proceder com o aprofundamento de algumas questões a partir da fala da entrevistada. Cáceres (1997) observa que o significado possível de algo afigura-se como uma combinação de coordenadas que relativizam qualquer definição fixa ou estável. Importante ressaltar que a parte teórica foi selecionada a partir dos tópicos levantados durante a entrevista. Não se busca aqui encaixar os dados levantados empiricamente no quadro teórico relacionado, tampouco dar legitimidade às teorias a partir deles. Trata-se de apontar alguns pontos de intersecção observados.

3. IMPRESSÕES E EXPRESSÕES

Este capítulo destina-se a apresentar a textualização da experiência da entrevista. Acreditamos que, munidos das informações aqui apresentadas, o leitor, ao deparar-se com o relato de vida, possa aproximar-se dele com maior clareza. Dito de outra forma, a aproximação consciente é o que assegura o distanciamento necessário a uma aproximação pessoal.

3.1 Apresentações

Alana Saibro tem trinta anos de idade e mora em Porto Alegre. Alana é transexual. Nasceu com a genitália masculina, mas identifica-se com o gênero feminino. Alana tem cerca de um metro e setenta e cinco de altura. É loira e tem cabelos ondulados compridos até a altura dos ombros. Tem a pele clara, os olhos castanho-claros. Não realizou intervenções cirúrgicas em seu corpo. Sua estrutura corporal é andrógina, porém seus traços são bastante femininos.

Vinda de uma família de classe média, Alana mora atualmente com a mãe e o padrasto. Concluiu o ensino médio em uma escola particular em Porto Alegre aos dezoito anos e fez diversos cursos de formação complementar em sua área de atuação. Alana é maquiadora e trabalha há cerca de dez anos no meio de produção audiovisual tanto no Rio Grande do Sul quanto em outros estados brasileiros, atuando em comerciais e em produções para cinema e televisão. É bem conceituada no mercado em que atua, tendo recebido recentemente um prêmio pelo seu trabalho em uma série de televisão que concorreu a três categorias no Emmy.

3.1.2 Relação Prévia⁶

Conheci a entrevistada em agosto de 2011. Na época, trabalhava como assistente de direção em uma produtora vídeo especializada em audiovisuais publicitários. Já tinha ouvido falar da entrevistada através da diretora com a qual trabalhava na época, por quem era considerada uma ótima profissional. Alana foi contratada pela produtora para

⁶ Até o final do capítulo 3, o texto encontra-se na primeira pessoa do singular. A mudança na pessoa do texto nos trechos a seguir alinha-se às intenções do programa metodológico dos mundos possíveis, que relaciona a fase da exploração ao diário de campo. Por tratarem-se de impressões e percepções pessoais da pesquisadora – que estão descritas com o intuito de revelar ao leitor aspectos que levam a uma aproximação à experiência interior da mesma no contato com o universo da interlocutora – optamos por manter esses registros na primeira pessoa do singular.

ser maquiadora em uma série de comerciais para uma rede de ensino. Era um trabalho relativamente grande, que envolvia, além das diárias de gravação, um período de pré-produção.

Para que se possa contextualizar as relações estabelecidas neste meio, é importante entender a lógica que rege os trabalhos de produção audiovisual: a produtora é contratada por uma agência para produzir um material audiovisual. A partir dos roteiros (que são feitos pela agência), a produtora contrata os profissionais para a realização dos filmes. Fora o diretor (e, às vezes, o assistente de direção), todos os outros profissionais envolvidos na etapa das filmagens são *freelancers*. O ambiente de produção é descontraído, embora tenha muito trabalho. É tradicionalmente um meio informal, onde as equipes passam muito tempo juntas. Proporciona convívios intensos por curtos períodos de tempo.

Eu gostei de Alana desde o momento que a conheci. Ela tem um comportamento social um tanto defensivo, uma certa agressividade inicial que não poupa ninguém. E não foi diferente comigo. Não tomei isso como pessoal. Passei por cima da resistência inicial dela sem pensar muito no assunto. Durante o período em que convivemos, desenvolvemos uma relação amigável. Ao longo do trabalho, passei a admirar sua competência.

Eu não pensava muito no assunto de ela ser travesti. No ambiente de trabalho que desenvolvemos, não percebi preconceito por parte de minha chefe. Isso pode estar relacionado ao fato de Alana ser bastante reconhecida no meio publicitário, devido à qualidade de seus trabalhos. Também trabalhamos com crianças e adolescentes, os quais não pareceram estranhar a presença de Alana no set. Ela tratava as crianças de forma natural e descontraída, era engraçada e as entretinha enquanto maquiava. Houve situações externas, de preconceitos que presenciei, que me traziam para uma dimensão cotidiana de desafios que ela enfrentava.

Outra razão pela qual acredito não ter questionado muito sobre Alana ser transexual, era o fato de ela ter mais ou menos o mesmo “estilo” das minhas amigas da mesma idade. Suas roupas não tinham nada de extravagante e não eram muito distintas daquelas usadas por mim e pelas minhas amigas. Meus contatos prévios com travestis haviam sido superficiais, como conversas informais em festas e bares. Alana se afastava bastante do estereótipo que eu havia construído em minhas vivências anteriores. Eu sentia que seu profissionalismo, autenticidade e senso crítico eram fatores que a aproximavam bastante de mim.

O fato de Alana não se intimidar facilmente e falar abertamente sobre diversos temas contribuiu para que fosse escolhida por mim para ser a entrevistada nessa pesquisa. Com isso em mente, optei por realizar essa investigação a partir de suas vivências. De modo algum, suas contribuições devem ser vistas como absolutas a respeito da temática proposta, mas, certamente, têm profundo valor científico no que diz respeito à vivência cotidiana de uma transexual.

3.2 Protocolos de Aproximação

Entrei em contato com a entrevistada via rede social online *facebook*. Fazia cerca de quatro anos que não nos víamos, e desde então, havia tido pouco contato com ela. Em uma mensagem sucinta, expliquei que estava fazendo meu trabalho de conclusão de curso sobre noções de gênero, e perguntei se ela aceitava conversar comigo sobre isso. Ela respondeu na mesma hora, dizendo que estava disposta a participar. A partir da resposta afirmativa dela, dei mais algumas informações (ainda via *facebook*) sobre a pesquisa. Disse que se tratava de uma história de vida, e expliquei mais ou menos como funcionava. Ela foi bem solícita, e disse que ia tentar ser o mais sincera possível, “*dentro da minha verdade, é claro*”. Marcamos uma data para a entrevista, para dali a uma semana. Por tratar-se de uma conversa pessoal, sugeri que fosse feita em um local privado. Ofereci a minha casa, dizendo que não haveria mais ninguém em casa na data da entrevista, e me dispus a ir a casa dela, caso ela preferisse. Ela disse que preferia que eu fosse à casa dela, e assim ficou combinado.

3.2.1 Memorando Entrevista

Cheguei ao endereço da entrevistada no horário marcado, às 17:00 do dia nove de Outubro deste ano. Era sexta-feira e chovia muito. Desci do táxi-lotação quase em frente ao edifício (alto e grande) localizado em uma avenida movimentada de um bairro de classe média da cidade de Porto Alegre. Cruzei o portão junto com outras pessoas que estavam entrando (pareciam moradores do edifício). Dirigi-me à portaria e informei ao porteiro o número do apartamento da entrevistada, me identifiquei, e aguardei enquanto ele anunciava minha chegada pelo interfone. Após assegurar-se de que eu estava de fato sendo esperada, ele me indicou o elevador que deveria tomar. Entrei no elevador e subi até o sexto andar. Toquei a campainha do apartamento, e poucos instantes depois a entrevistada abriu a porta. Não nos víamos havia cerca de quatro

anos. Ela me recebeu com um abraço que parecia indicar algum desconforto. Vestia calças *legging* cinza, moletom e tênis da mesma cor. Roupas confortáveis, informais, que comumente são usadas para fazer exercícios físicos. Tinha os cabelos soltos e não estava usando maquiagem. Não parecia ter mais ninguém além de nós no apartamento. Ela mora com a mãe e o padrasto. Ela me conduziu até a cozinha. Vi pouco do restante do apartamento. No caminho até a cozinha, pude notar que era amplo. Passamos ao lado de uma sala de estar. A decoração me chamou a atenção por ser extremamente sóbria. O assoalho era de tábuas, impecavelmente limpo. Havia quadros nas paredes, móveis (quase todos antigos ou de estilo antigo) e poucos objetos – todos os elementos posicionado simetricamente. Não tinha nada “fora do lugar”. A sala não parecia ser um cômodo habitado pela família. Tinha um ar de “sala de visitas”.

Ao chegar na cozinha nos sentamos em torno de uma mesa com bancos altos de metal. A cozinha, quadrada e espaçosa, também estava limpa e arrumada, mas não de forma tão impecável quanto a sala. As paredes eram cobertas por azulejos azuis. Havia uma fruteira sobre a mesa, com algumas frutas, e ao lado, outro recipiente parecido com mais de um tipo de pão. Não havia louça usada na pia ou lavada no escorredor. Afora a geladeira, o restante dos eletrodomésticos que pude ver eram modestos. Um fogão de quatro bocas velho, um liquidificador também de um modelo mais antigo. Chamou-me a atenção um fogão tão pequeno numa cozinha daquele tamanho. O fogão e o liquidificador também contrastavam com o restante do que vi do apartamento, todo com um ar mais “luxuoso”. Isso pode ser um indicativo de que cozinhar não é uma atividade muito presente na rotina da família.

Como temos uma relação prévia, não partimos direto para a entrevista em si. Antes, conversamos um pouco sobre as pessoas que conhecemos em comum, ex-colegas de trabalho. Durante essa conversa inicial, a entrevistada fez um sanduíche, que comeu acompanhado de um *Toddy*. Ela me perguntou se eu queria comer alguma coisa. Eu disse que não, e pedi um copo d’água. Perguntei se podia fumar um cigarro (a entrevistada também fuma). Ela respondeu que sim e abriu uma fresta na janela que ficava bem ao lado da mesa em que estávamos sentadas (nós duas fumamos vários cigarros ao longo da entrevista). Eu estava me sentindo um pouco ansiosa sobre o momento de introduzir o assunto, de começar a entrevista – mas não muito e de forma vaga.

Após uns quinze minutos de conversa, ela me perguntou, afinal, o que eu queria saber sobre ela para o trabalho. Expliquei, em linhas gerais, sem aprofundar muito, o tema do meu trabalho. Disse que era sobre gênero. Falei sobre a forma de pesquisa, que

era aberta, que eu não tinha hipóteses prévias. Quando terminei de falar, ela me olhou com um ar meio desafiador (porém não agressivo) e me perguntou: “*e por que não um homem trans?*” Eu respondi que, talvez por ser mulher, minha curiosidade maior era acerca do gênero feminino. Ela pareceu ter ficado satisfeita com a resposta, pois seu rosto voltou a ter a expressão mais relaxada que tinha antes desse questionamento.

Tirei o celular da bolsa e disse que ia gravar a conversa a partir daquele momento. Ela não pareceu surpresa ou intimidada. Coloquei o celular sobre a mesa, sem interromper a conversa, enquanto abria o aplicativo e preparava o dispositivo de gravação de áudio.

Ela disse: “*Bom, o feminino não existe, né?*” Essa frase não está gravada, mas foi assim que ela começou. Eu disse que era exatamente isso que eu queria saber dela. Pedi que ela me contasse sua vida, da forma que achasse melhor. Ela perguntou: “*Tá, mas tu quer que eu conte minha vida só em relação a isso ou a minha vida toda?*” (a partir daí já está na gravação). E eu respondi: “*A tua vida toda, em relação a tudo o que tu quiseres relacionar.*”

Ela começou, então, a contar sobre sua vida. O áudio está todo registrado. Durante o relato inicial, em que ela conta a história de vida, procurei minimizar as interferências. Não fiz nenhum comentário. Ela foi conduzindo sua fala de forma tranquila. Parecia estar sendo bastante sincera. Notei que perdia o contato visual comigo de tempos em tempos, como acontece quando se está falando distraidamente, o que pode denotar que ela estava à vontade. Ouvei a história de forma a demonstrar interesse pela narrativa da entrevistada. Apesar de não ter falado nada, em alguns momentos expressei reações com o olhar. Em outros momentos, não contive o riso. A entrevistada tem uma maneira peculiar de falar que, na minha opinião, é muito engraçada.

Ao final do primeiro relato, que durou aproximadamente 31 minutos, eu me senti satisfeita. Isso era, digamos, o meu objetivo principal durante a visita. Esse sentimento de “dever cumprido” em relação a essa etapa foi intensificado pelo fato de que o relato foi bem diferente do que eu esperava ouvir. Não tinha um tom de discurso. A fala dela me pareceu bastante espontânea.

Salvei esse arquivo de áudio e desliguei a gravação por alguns instantes. Após uma breve pausa, ela seguiu falando. Ficou claro que ela não havia dado o assunto por encerrado. Senti-me pouco nervosa quanto a isso, pois inicialmente não havia planejado conduzir a segunda etapa da entrevista naquele dia, e cheguei a questionar se não deveria interromper a conversa. Decidi (rapidamente) ligar de novo o gravador e seguir a conversa, já que ela parecia disposta a falar. Esse questionamento me voltou algumas

vezes à mente durante as horas subsequentes, e a cada vez que surgia, a decisão de seguir adiante com a entrevista era novamente legitimada internamente como a correta.

Conduzi a segunda parte da entrevista de forma menos protocolar, embora mantendo o esforço de interferir o mínimo possível. Em alguns momentos, senti que minha insegurança e inexperiência como pesquisadora me levaram a interferências desnecessárias. Mas o diálogo em nenhum momento parou de fluir. A segunda parte adveio de um “me deixar levar” pela situação, equacionando a vontade de aproveitar ao máximo o encontro com a vontade de manter uma conduta correta. Nessa segunda etapa, eu trouxe alguns temas que ela tinha abordado na primeira parte do relato. Fiz isso de forma sutil, cuidando para usar as palavras que ela mesma utilizara na narrativa inicial. Em nenhum momento fiz perguntas externas ao universo da nossa conversa.

Depois de cerca de uma hora dessa segunda etapa, comecei a encaminhar a entrevista para um final. Fui, aos poucos, me fazendo mais presente na conversa, de forma intencional (sempre obedecendo o contexto e o universo temático do diálogo estabelecido). Deixei isso evidente com ações e comentários. Depois de alguma interferência mais longa, dizia algo como, “*olha só, já estou falando mais que a entrevistada*”. Comi o sanduíche que ela tinha me oferecido logo que cheguei. Iniciei esse processo de transição à medida em que fui notando que voltar ao tema do trabalho estava configurando um “esforço” para nós duas. Logo interrompi a gravação e guardei o celular na bolsa, para deixar bem claro que a entrevista tinha oficialmente terminado. Não percebi mudanças no comportamento dela quando interrompi a gravação.

Não voltamos a falar sobre assuntos relacionados às temáticas centrais à pesquisa depois que desliguei o gravador. Pouco depois que parei de gravar, ela recebeu uma mensagem de uma amiga. Na mensagem, a amiga, que estava bastante abalada, dizia que o pai estava hospitalizado em estado grave, e que “não tinha mais volta”. A temática da morte, que já tinha aparecido de forma bastante proeminente durante a entrevista, foi o que pautou nossa conversa daí para frente. Dessa vez, a conversa não foi unilateral. Fiquei mais uns 30 minutos conversando com ela. Depois, chamei um táxi, pois já estava escuro e a chuva não havia parado. Ela me levou até a porta e nos abraçamos mais longamente que na chegada. Dessa vez, o abraço não pareceu desconfortável. Me pareceu carinhoso.

Essa foi a primeira vez que conduzi uma entrevista desse tipo. Me senti nervosa e apreensiva em vários momentos. Apesar disso, tenho uma sensação positiva quanto ao encontro.

Este capítulo destinou-se a apresentar a entrevistada, bem como contextualizar a relação estabelecida entre ela e a pesquisadora previamente ao momento da pesquisa. O capítulo trouxe descrições dos momentos das entrevistas e dos demais contatos estabelecidos com a entrevistada no processo da investigação. O próximo capítulo traz a reconstrução da história de vida de Alana a partir dos dados levantados empiricamente.

4. A VIDA DE ALANA: CAPÍTULOS 1 A 7

Esse capítulo apresenta a reconstrução da história de vida de Alana Saibro. Esses dados servirão como base empírica para a aproximação com a teoria realizada no capítulo final.

4.1 Nascimento e Infância

Alana nasceu em Porto Alegre, em Fevereiro de 1985, com o sexo biológico masculino. Foi registrada com o nome do avô paterno, Henrique. Era o filho do meio, entre duas irmãs. A mãe era viúva do primeiro marido e já tinha uma filha quando casou-se com o pai de Alana.

Ela relata ter ouvido muitas vezes de sua mãe que fora o único filho que veio de uma gravidez desejada, que não foi uma gravidez “acidental”. Por ser o primeiro filho de sua mãe com seu pai, e por ter recebido o nome do avô paterno, Alana conclui que havia uma grande expectativa quanto ao seu nascimento. Durante a infância, percebia-se, e era percebida como um menino.

Até os cinco anos de idade, Alana (Henrique) foi criada por uma babá, Ione, uma senhora de cerca de 60 anos, que é viva até hoje. Ione teve dois enfartos enquanto trabalhava na casa da família, e acabou tendo que parar de trabalhar. Alana lembra de ter sido levada ao hospital para se despedir dela. Ione é natural de Itaqui, mesma cidade onde nasceu a mãe da interlocutora. Quando Ione era criança, caiu em um buraco onde era feito fogo de chão. As queimaduras foram graves e desfiguraram seu rosto. A família materna de Alana “adotou” Ione, contribuindo com sua educação. Segundo conta e entrevistada, ela era vista como “um bicho” na sua cidade natal.

Eu me lembro de uma coisa. Sempre eu pedia para ela tirar os óculos, que eu não percebia que ela era deformada. Mas quando ela tirava os óculos eu percebia, e eu ria muito (Alana, 2015)

A mãe de Alana começou a trabalhar oito dias após o seu nascimento. Trabalhava o dia todo, e estava presente só à noite. Assim, suas primeiras impressões de vida são muito relacionadas à babá, de quem fala carinhosamente.

Nessa época, Alana lembra-se de brincar com as crianças que moravam na vizinhança⁷. Fala de dois amigos, uma menina (Tati) e um menino (Carlo). Gostava

⁷ Morava em um bairro na Zona Sul de Porto Alegre

muito de brincar com bonecos Playmobil⁸, e lembra que só queria ser os bonecos femininos, mas sempre tinha um boneco masculino à mão, para caso chegasse algum adulto e a surpreendesse brincando com os bonecos femininos. Alana diz não saber de onde vinha essa preocupação, pois não recorda de nenhuma pressão externa nesse sentido. Lembra-se de jogar futebol com o pai quando ele chegava do trabalho. Era uma brincadeira da qual gostava, que não a incomodava por ser “masculina” ou “feminina”.

Ainda sobre o pai, lembra-se de um episódio ocorrido mais ou menos nesta época. Passeando de carro, notou que ele usava uma aliança no dedo, e disse que queria um anel. O pai explicou que aquilo não era um anel, que era uma aliança de casamento, e que o filho ia ter uma quando se casasse. Ela disse ao pai que não ia se casar, porque ia ser padre. Segundo conta Alana, ser padre era a única saída que lhe ocorria à época para não ter que se relacionar com uma mulher.

Quando começou a frequentar o jardim de infância, lembra-se de sentar junto à mesa rosa com as meninas: “*A gente cantava que a gente tinha sentado na mesa rosa, que era mais bonita*”. Alana não se recorda de nenhum tipo de provocação dos colegas por conta disso nessa época.

Sobre suas percepções acerca de si mesma naquele período, ela diz que sentia “*alguma coisa fora do lugar*”. Alana, apesar de identificar-se com elementos culturalmente associados ao universo feminino, como brincar com as bonecas e sentar na mesa rosa com as meninas, não traz em seu relato sentimentos de inconformidade acerca de seu sexo biológico ou de seu gênero. O que parece ser uma preocupação bastante presente na infância é a perspectiva futura de ter de se relacionar com uma mulher.

4.2 O Tio Gay Soropositivo: Início das Comparações

Quando Alana (à época Henrique) tinha seis anos, seu tio, irmão da mãe, foi diagnosticado como soropositivo. Ela diz que ficou sabendo dos detalhes da história ao longo dos anos, pois as informações passada à ela na época eram vagas e confusas. Segundo o seu relato, o tio era ator, e se apaixonou por um homem, com quem teve um relacionamento. Algum tempo depois, este foi morar em Londres, e o tio resolveu que iria morar em Londres também. Ficou uns dois anos juntando dinheiro, e foi embora.

⁸ Pequenos bonecos, de três polegadas ou 7,5 cm de altura, com mãos em forma de U, que movem os braços e as pernas (as duas em conjunto), cabelo destacável da cabeça e um sorriso no rosto.

Quando chegou lá, o rapaz disse a ele que era soropositivo, que tinha ido para Londres buscar um tratamento, e o aconselhou a fazer o exame de HIV. Uma semana depois, o tio estava de volta a Porto Alegre. Fez o teste e deu positivo. Isso aconteceu em 1990, e o tio é vivo até hoje. Alguns anos depois, casou-se com uma mulher que, segundo Alana, estava ciente do diagnóstico.

Sobre suas impressões acerca do tio na infância, Alana diz que ele sempre lhe pareceu estranho. Ela diz que percebia que o tio tinha uma coisa diferente, que era gay, mas que ela “*não conseguia entender que ele era gay*”. Quando o tio casou-se com uma mulher, Alana – na época com nove anos – ficou ainda mais confusa, pois “*aquilo não fazia sentido nenhum*”.

O tio nunca falou com Alana sobre ser soropositivo. Também nunca tocou no assunto de ser gay, ou mencionou ter um namorado. A mãe de Alana foi a única pessoa da família para quem ele contou sobre a doença. Segundo ela, sua mãe ajudava com dinheiro para comprar remédios, já que a outra irmã deles não sabia, e a avó (mãe do tio) até hoje não sabe.

Alana diz que a experiência da mãe com o irmão gay fez com que começassem a surgir comparações entre ela e o tio já na infância. Ambos, Alana e o tio, são tidos pela família como pessoas difíceis, irritadas, mal-humoradas. Na medida em que Alana (Henrique) foi crescendo, sua mãe se valia dessa característica em comum para alertá-la de que poderia “*acabar terminando*” como o tio. A mãe não deixava claro em que sentido Alana poderia “*terminar*” como o tio:

Podia ser como gay, podia ser como soropositivo, podia ser como uma pessoa não tão feliz porque ele... não parece, não parecia ser uma pessoa tão feliz nessa época. E eu que entendesse como eu quisesse. A Dona Augusta, a minha mãe, sempre foi muito assim (Alana, 2015)

As comparações com o tio levaram Alana (Henrique) a pensar que sua mãe sabia que ela era homossexual, apesar de nunca ter sido questionada diretamente pela mãe acerca de sua sexualidade. Pelo pai, sim. Ela lembra de algumas ocasiões em que o pai fez perguntas invasivas a esse respeito, ainda na infância:

“Porque tu vai crescer veado, porque dar o cu dói, e não sei o quê”. Oi querida?! Tu sabe? Só que eu, criança, ficava assim, ai tipo, né... O que que tu tá me dizendo? Que tanta agressão! (Alana, 2015)

Sobre ter uma personalidade difícil, Alana diz que se questiona se isso nasceu com ela ou se foi algo que desenvolveu ao longo da vida. Ela relata ter “*memórias muito antigas de não ter paciência com as coisas*.” Também diz ter escutado muito “*que é assim por autodefesa*”, e que, às vezes, “*assume essas coisas para encerrar a conversa*”.

Considerando a sequencialidade do relato de Alana as comparações com o tio e os questionamentos do pai parecem ter começado a surgir em algum momento entre a segunda infância e a pré-adolescência.

4.3 Adolescência

Na adolescência, Alana (Henrique) detestava o ambiente escolar. Era chamada de bicha pelos colegas, “*por toda a escola*”. Ela conta que, seguidamente, chegava ao colégio, pegava o ônibus de volta para casa e ficava dormindo na escada de incêndio do prédio. Acabou repetindo de ano por falta de frequência transferindo-se para outra escola, onde sofria o mesmo tipo de perseguição. Até este ponto, Alana não faz nenhuma menção sobre mudanças na percepção de acerca de sua generificação.

Quando concluiu o primeiro ano do ensino médio, ela quis voltar para o colégio anterior. A mãe não queria deixar, e acabou revelando que tinha tirado Alana da escola porque havia sido chamada pela orientadora educacional. A orientadora disse a ela que Alana era gay, e orientou-a a procurar um tratamento antes que o filho “*fosse realmente gay*”. A mãe alertou Alana de que ela teria que lidar com essa situação, caso decidisse voltar para aquela escola. Mesmo assim, ela resolveu voltar para a escola, ciente do que a esperava. A partir daí, passou a reagir à discriminação, brigando com as pessoas por todos os motivos que lhe soassem de alguma forma como preconceito.

Até os dezesseis anos, Alana (Henrique) não se questionava acerca de sua sexualidade. Na escola, não se apaixonou ou sentiu desejo por nenhum colega. Apesar de ter ouvido repetidas vezes que era homossexual, ela descobriu-se gay lendo um livro da Marta Suplicy. Ela conta que costumava pular as páginas que falavam sobre homossexualidade, até que um dia resolveu ler os trechos e se viu nas descrições feitas pela autora.

Pouco depois, Alana disse para a mãe que era gay durante uma briga, na qual a mãe respondeu que já sabia há muito tempo. Em seguida, ela informou aos demais membros da família. Aqui é o primeiro momento que Alana (Henrique) começa a se entender como gay – até então, “gay” uma marca imposta a ele pelos outros (pela mãe falando sobre o tio, pelos questionamentos do pai, pela funcionária da escola, pelos colegas).

Segundo a entrevistada, o processo de assumir-se publicamente como homossexual foi bastante rápido. Aos dezesseis anos, teve o primeiro namorado, um publicitário cinco anos mais velho. Foi o único namorado que ela teve até hoje. O

relacionamento durou pouco mais de um ano. Sobre a questão de assumir a homossexualidade, Alana diz que, hoje em dia, tem um entendimento diferente do que tinha à época, e vê o ato de “*sair do armário*” como resposta a uma demanda de ordem social:

A pessoa pode ser feliz sendo no armário a vida inteira sem dizer nada, mas as pessoas cobram, até por serem preconceituosas, que se levante uma bandeira do que for. (Alana, 2015)

Sobre os anos de escola, Alana diz ter levado um aprendizado importante. Por ser muito sozinha, tornou-se uma pessoa observadora. Isso faz com que tenha facilidade em “*desarmar*” as pessoas, caso se sinta acuada.

4.4 Descobrir-se Garota

Pouco depois do fim do relacionamento com o primeiro namorado, Alana (Henrique) fez os primeiros amigos publicamente homossexuais e começou a frequentar boates gays. Nos ambientes que frequentava junto com os amigos, Alana novamente sofreu perseguições, dessa vez, por ter uma aparência considerada muito feminina. Alana diz que, na época, comportava-se como um menino, apesar de ter aparência frágil e feições delicadas:

Tipo, é bem difícil. E dentro da comunidade gay é feio ser afeminado, é feio ser feminino. O feminino não é bem aceito, apesar de ser idolatrado com as divas e os personagens que, né, o meio gay admira, tu não pode trazer isso. É uma coisa inatingível, nenhuma vem dar pinta aqui. Por quê? Porque isso é feio. Eu muito quando era bichinha, ouvi textos que eu tinha que tomar jeito de homem de tantas bichas. Oi? (Alana, 2015)

Os amigos e outros frequentadores das boates começaram a chamá-la por um nome feminino⁹. Alana ficava muito incomodada com o apelido, pois costumava vestir roupas “masculinas” (calças e camisa social, sapato de bico quadrado), e tinha prazer em se apresentar daquela forma, “*via uma beleza nisso*”.

Este é o primeiro momento do relato em que a entrevistada traz questões acerca de sua generificação. Ela sente a necessidade de deixar claro que se comportava como um menino, que usava roupas masculinas. Embora use artigos femininos para falar de si mesma desde o início do relato, que fale de “*algo fora do lugar*”, em nenhum momento anterior ela se sente compelida a fazer qualquer tipo de esclarecimento em relação ao seu gênero. Inclusive, é possível cogitar que, caso uma pessoa pouco atenta ouvisse seu relato anterior a este ponto específico, pudesse concluir que Alana sempre fora uma menina.

⁹ Nome que ela acabou adotando mais tarde.

A entrevistada conta que, nessa época, ninguém se interessava por ela. Ficou anos sem ter nenhuma espécie de contato sexual. A vivência na “comunidade gay” fez com que Alana se sentisse ainda mais perdida do que na época da escola:

As bichas eram muito malvadas, as coisas que elas diziam, na forma que elas tratavam. Quando elas faziam jantar na casa de alguma eu nunca era convidada. (...) E era mais ou menos como era antes só que mais apavorante, porque tipo, onde é que tu ia te encontrar? Se no meio da escola tu não encontrou? E aí no meio GLS tu não está encontrando! (Alana, 2015)

Eu sempre pensava: por que eu não nasci mulher? Teria sido tão mais fácil, mas não era uma coisa que eu desejava. (Alana, 2015)

A rejeição sofrida na “comunidade gay” fez com que Alana ficasse “*revoltada com a vida*”. Nessa época, começou a fumar cigarros, fumar maconha, cheirar cocaína, cola. Segundo a entrevistada, essas experiências foram positivas, pois se as coisas tivessem sido diferentes, ela nunca teria “*se esclarecido tanto como se esclareceu*”.

Nessa época, Alana (Henrique) conheceu a Antônia, um homossexual famoso em Porto Alegre. Antônia era cabeleira e, segundo conta Alana, era uma ótima profissional. Antônia era tratada com deboche no meio gay, pois era afeminada e tinha HIV. Antônia tinha um comportamento extravagante que chamou a atenção de Alana (Henrique).

As duas se aproximaram, e Antônia passou a incentivar Alana a “ser garota”. Segundo Alana, este movimento foi se dando aos poucos, “*começou assim, botando blush, batom nas bochechas, passando rímel*”, e ela foi vendo que se sentia mais bonita desta forma. Alana conta que quando era mais nova, não achava que “ser garota” fosse algo possível. A partir desse movimento, percebeu que havia muitas coisas acerca de si mesma que tinha evitado questionar ao longo dos anos.

O contato com Antônia é um marco em seu relato, para o início do questionamento acerca da percepção do seu gênero. Ela percebia Antônia como uma pessoa irreverente, insubmissa aos rótulos que lhe eram designados. Antônia era ao mesmo tempo desprezada e temida pelos membros da “cena gay”.

4.5 O Início da Vida Profissional

A mãe de Alana sempre quis que ela fosse cabeleireira. Segundo a entrevistada, era a carreira que a mãe sonhara para ela. Alana havia feito cursos para ser cabeleireira após concluir o ensino médio – já tinha concluído um curso de formação e estava fazendo um segundo curso nessa área – porém, começou a trabalhar como maquiadora

após um episódio em que levou um soco de uma travesti em uma boate. Após ter coberto o hematoma com maquiagem, foi até a casa de uma conhecida que era maquiadora, que ficou impressionada com sua habilidade e a incentivou a investir seriamente na carreira.

Quando começou a trabalhar como maquiadora em produções audiovisuais, Alana encontrou dificuldades. Nessa época, ela estava “*começando a ser garota*”, e a forma como ela se apresentava não era bem vista pelas pessoas no ambiente profissional:

Tinha uma imposição do mercado de trabalho de que tu não poderia ser tão garota assim, se tu não é uma garota ou se tu não tomou algumas definições na tua vida. Porque para eles era muito estranho, um dia eu estar de barba aparecendo na cara e outro dia toda maquiada de saia e no outro dia meio mendigo. (Alana, 2015)

Alana começou a trabalhar como assistente de uma maquiadora que já era conhecida no mercado de produção audiovisual. Ela conta que sofria muito “*bullying*”¹⁰ por parte dessa pessoa, de quem ouvia que era “baixa”, que não sabia se comportar e que não tinha uma postura adequada ao ambiente profissional. Segundo Alana, as críticas feitas pela chefe fechavam com “*tudo o que tinha ouvido em tudo quanto era lugar*” ao longo da vida: que era uma louca, uma grossa, irritada, mal-humorada.

Algum tempo depois, Alana foi chamada por uma outra empresa para fazer um trabalho. A chefe não aceitou, e quis que Alana recusasse a proposta. As duas brigaram, e Alana deixou de trabalhar com ela, passando a assinar os próprios trabalhos. Alana sente que a questão da sexualidade foi usada como forma de boicota-la no mercado de trabalho. Na época, estava “se descobrindo garota”, e sente que este processo foi desacelerado pela questão do trabalho. Acabou adoecendo por conta do stress causado por esses incidentes. Teve crises nervosas que acabaram afetando também sua saúde física.

Alana ficou um tempo reclusa, sob efeito de remédios para controle de disfunções de ordem psiquiátrica. Quando começou a sentir-se um pouco melhor, retomou com mais intensidade o processo de “virar garota” passando a tomar hormônios femininos.

¹⁰ Palavra utilizada pela entrevistada. Essa foi única ocasião em que ela usou a palavra *bullying*.

4.6 O Começo do Entendimento das Coisas

Alana teve muitos problemas com a mãe durante o processo de transição. Em um primeiro momento, a mãe simplesmente não aceitava, e chegou a dizer para Alana que não passasse em frente ao local de trabalho dela (que fica em frente ao edifício onde moram, do outro lado da rua) usando maquiagem. Alana não cedia às imposições da mãe e passava em frente ao local sempre que lhe convinha.

Alana relata um episódio que foi marcante na sua relação com a mãe. A mãe estava completando 25 anos na empresa em que trabalhava, e a empresa ia dar uma festa em sua homenagem. A mãe chamou Alana (que na época não morava com ela) para maquiá-la. Ao chegar na casa, encontrou as duas irmãs, que pediram para que Alana as arrumasse para a festa. Ela não havia sido convidada para a festa, e, até o momento, achava que as irmãs também não iriam. Perguntou à mãe por que só ela não tinha sido convidada, e a mãe respondeu: “*Ai, tu é assim. Como é que eu vou te levar?*”

Alana terminou de arrumar as irmãs e todas saíram juntas do apartamento. Quando entraram no elevador, Alana confrontou a mãe, dizendo que ela tinha vergonha da filha travesti e que era uma hipócrita. Passado algum tempo, a mãe se desculpou e, segundo ela, “*foi o começo do entendimento das coisas*”.

Pouco depois disso, Alana foi morar fora do Brasil. Ficou um ano morando na em Dublin, na Irlanda. A mãe foi visitá-la durante esse período, e levou hormônios femininos para ela. A experiência no exterior fez bem a Alana, pois “*passou um ano mais normal*”. Segundo ela, os brasileiros são muito invasivos, e, mesmo sendo a Irlanda um país católico, ela não sofreu tanto preconceito quanto sofre aqui.

Ai tipo, não ficam te olhando, te invadindo, e te dizendo coisas com o olho. Sabe? E isso tipo, uma hora vai me deixando tristonha, eu já vou ficando irritadinha e quando eu vejo eu já estou uma louca gritando no meio da rua. Porque assim, quem tu pensa que tu é para me dizer coisas e me olhar! O que tu me olhando querida? Sabe? Mas daí eu é que sou louca, que eu sou desequilibrada. (Alana, 2015)

Alana diz que até hoje sua mãe não aceita o tipo de mulher que ela escolheu ser. Segundo a entrevistada, a mãe queria que ela trocasse de nome, que colocasse silicone nos seios e que usasse roupas refinadas, e isso não condiz com sua personalidade. A mãe também não aprova suas escolhas profissionais, pois gostaria que a filha tivesse um salão de beleza ao invés de trabalhar no meio de produção audiovisual.

Então assim, isso tudo mostra que há também uma preocupação minha em agradar ou não agradar que não deveria ser assim, deveria ser mais natural. Como as coisas são, né? (Alana, 2015)

Sobre a relação com a mãe, Alana diz ter certeza de que é a filha preferida. Ela acha que toda a mãe que tem mais de um filho cria um deles para ser doente (“*que vai sempre estar em volta, que ela vai ficar cuidando pra sempre*”). E, “*nessa doencinha da sociedade*”, a mãe escolheu que Alana fosse a filha doente. Alana diz que não aceita esse papel, e sente que a mãe não entende como ela ficou tão corajosa e motivada a buscar seus objetivos.

Ela conta que seu pai não teve problemas em aceitar que ela fosse garota. Apesar disso, ela diz ter mais facilidade para se comunicar com a mãe, pois, o pai “*é uma pessoa burra*”. O pai é praticante de umbanda, e, segundo Alana, “*se apegou muito à religião*” e “*tem um outro entendimento das coisas*”.

4.7 Ser uma Mulher Transexual

Segundo Alana, pouca coisa mudou em relação à sua sexualidade desde que tornou-se garota. Só o que mudou foi sua percepção acerca do mundo.

Porque a vida é muito feia quando tu é diferente. Porque as pessoas que não têm mais a experiência hipócrita da sociedade, têm uma experiência mais verdadeira das várias camadas que têm, tu percebe que é muito feio e muito primitivo ainda. Todas as relações são muito primitivas. Tem todo um elã que parece que não é, mas tipo, é a mesma coisa que sempre foi. (Alana, 2015)

Alana diz que, muitas vezes, evita sair de casa para não ter que enfrentar situações constrangedoras. Diz que já perdeu as contas de quantas vezes passou por situações como estar em um supermercado e ser surpreendida por algum homem (normalmente acompanhado de esposa e filhos) tocando ou mostrando o pênis para ela. Segundo ela, isso é algo que acontece quase que diariamente em sua vida.

Ela diz que a relação das pessoas com o sexo e o transgênero é “*meio engraçada*”, porque, quando se tem uma sexualidade diferente da maioria, isso é sempre a primeira coisa que é percebida.

tu olha para as pessoas e vê se é homem ou se é mulher. E se é um homem ou uma mulher com a sexualidade diferente isso grita na tua cara e o resto tudo é secundário, é isso que é o principal. (Alana, 2015)

Isso pauta muito as relações que Alana estabelece em sua vida. Ela diz que seus amigos são pessoas “*nada sexuais*”, são quase como crianças, e que, entre eles, nunca

conversam sobre sexo. Não que seja um assunto proibido, apenas não acontece. Alana sente que todas essas vivências fizeram com que ela procurasse, em certo sentido, se distanciar do sexo. Ela está “solteira” há 14 anos, e acredita que nunca mais vai namorar, pois “*decidiu que assim a coisa é perfeita para ela*”. Quando tem vontade de se envolver sexualmente, ou até mesmo afetivamente com alguém, “*vai lá, se envolve e tchau*”. Alana acha que, no contexto atual, as pessoas não estão preparadas para ter uma relação verdadeira com uma pessoa transgênero: “*Se eu já não aceito as relações que os heterossexuais têm, imagina o que fica para mim?*”

Alana diz que não acredita na humanidade, mas não deixa de fazer sua parte. Diz que, com o passar do tempo, foi percebendo que o simples fato de existir, sendo como é, “*já é muita coisa para muita gente*”. E que luta, levanta bandeiras, “*porque senão é a morte*”. Alana diz que a morte é algo muito presente em seus pensamentos. Ela não consegue perder a noção da finitude da vida, e isso a entristece:

É, mas é uma existência triste, mas é a mais rica que eu poderia pedir. Entende? Claro que tem toda essa riqueza de que tipo, mas tem um peso junto, é muito preto no branco. É difícil não ser assim. É lógico que no meu dia-a-dia eu tento colorir as coisas, fumo maconha, vejo umas coisas idiotas, só me alimento de coisa idiota, porque o resto pra mim é muito claro. (Alana, 2015)

Com base nos dados da reconstrução biográfica da vida de Alana Saibro apresentados nesse capítulo, o capítulo seguinte estabelecerá um diálogo com alguns conceitos teóricos referentes à temática da pesquisa, selecionados a partir do relato da entrevistada.

5 MUNDOS POSSÍVEIS

Esse capítulo estabelece diálogo entre os resultados da análise da reconstrução da história de vida realizada no capítulo anterior com as principais temáticas do trabalho: a construção das noções de gênero na trajetória de uma mulher transexual.

Esse contraste procura avançar na discussão sobre o uso da perspectiva biográfica como alternativa ao uso de definições de identidade.

5.1 Norma, Desvio e Coerência

No artigo *Do Desvio à Diferença* (2005), o sociólogo Richard Miskolci traz um panorama sobre as raízes da normatividade que pautam as construções de gênero – que serão problematizadas posteriormente pela teoria *queer*. A normalidade, conforme observa o autor, tem uma história. E no curso dessa história os transexuais “têm sido alocados na categoria dos *seres abjetos* (BUTLER, 2002, p. 19) ou *degenerados*, como preferiu o discurso médico normatizador e consolidador da visão burguesa sobre sexualidade” (PELÚCIO, 2006, p. 126).

Segundo Miskolci (2005), em fins do século XIX, devido à urbanização e ao desenvolvimento de grandes cidades, fenômenos como a prostituição, a criminalidade e os suicídios passaram a ser foco de grande preocupação por parte das autoridades e intelectuais. O autor observa que “o anonimato das ruas permitiu que mais indivíduos se lançassem a atividades consideradas ilícitas com menos controle do que teriam em vilarejos onde a vida de cada um é controlada sistematicamente pela coletividade” (MISKOLCI, 2005, p. 12).

Diante desses problemas trazidos à tona pela vida nas metrópoles, determinados comportamentos e ações passaram a ser objeto de contagem, classificação e controle. As soluções encontradas eram pautadas por uma visão biológica da sociedade, e pressupunham a “classificação de cada forma de anormalidade, ou seja, o enquadramento de cada um em seu desvio” (MISKOLSKI, 2005, p. 10). A partir dessa classificação, os dissidentes deviam, então, ser corrigidos. Miskolsci observa que:

O crime, a prostituição e outros comportamentos similares existiam há muito. A novidade era a problematização desses fenômenos a partir da ascensão da medicina social, a qual passou a enquadrar as práticas sociais a partir de seus próprios conceitos. Progressivamente toda forma de comportamento que não se enquadrava no padrão burguês passou a ser vista como anomalia e desvio (MISKOLCI, 2005, p. 10).

Dessa forma, fenômenos oriundos de processos históricos e transformações sociais passaram a ser encarados de forma naturalizada. (MISKOLSKI, 2005). Conforme observa Foucault (1999): “trata-se do exame perpétuo de um campo de regularidade no interior do qual julgar-se-á sem trégua cada indivíduo para saber se ele é conforme a regra, a norma de saúde definida.” (FOUCAULT *apud* MISKOLSKI, 2005, p. 13).

O sistema de classificação e controle que chamamos de normalização só alcançou seus objetivos através da expansão, a partir do século XVIII, de um conjunto de práticas e discursos que constituem a sociedade burguesa através do foco nos corpos e na vida – o que Foucault denominou de *bio-poder* (MISKOLCI, 2005). Aos dispositivos de controle da “população” por meio da analogia entre sociedade e corpo (contagem dos fenômenos populacionais, como taxa de natalidade, número de habitantes, incidência de doenças, etc.), soma-se o surgimento da família canônica como forma de consolidação do *bio-poder*:

A família burguesa foi essencial como instrumento de controle social e regulação econômica. É no seio dela que se dá a primeira distinção entre o normal e o anormal de forma que toda dissidência com relação a seu modelo economicamente produtivo e biologicamente reprodutivo passou a ser classificada como desvio (...). Assim, na família, os cônjuges tornam-se agentes da normalização social através do dispositivo de sexualidade que associa a ordem familiar aos médicos, pedagogos e, mais tarde, aos psiquiatras e psicólogos. (MISKOLCI, 2005, p. 14).

O relato de Alana acerca de sua vivência familiar nos mostra o poder dos dispositivos normalizadores na classificação e enquadramento dos desvios ocorridos no seio familiar. As comparações entre ela e o tio soropositivo feitas por sua mãe deixam claro o recado de que o “desvio” às normas que regulam a coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo (BUTLER, 2014) pressupõe uma punição “natural” – a doença incurável.

Conforme observa Miskolci (2005, p.14), o propósito da norma é “desvalorizar o existente para corrigi-lo”. Todas as regras estão sujeitas a um juízo de valor. “Sob a ilusão dos números e das estatísticas a normalidade esconde seu caráter eminentemente apreciativo”. Nesse contexto, “o anormal emerge como desviante e a explicação de seu desvio se assentará crescentemente em uma hipotética natureza corrompida, a qual, na segunda metade do século XIX, será denominada degeneração”.

Em vários momentos do relato de Alana é possível notar a associação entre os indivíduos que não se conformam às práticas normativas de gênero e sexualidade com “distúrbios” ou “transtornos” de humor. Alana relata ter ouvido em diversos ambientes

ao longo da vida que era mal-humorada, irritada, grossa. A ex-chefe dizia, junto com essas críticas, que Alana era “baixa”. Antônia, que era considerada “desviante” no meio gay, por ser afeminada e soropositiva, também era vista como uma pessoa de humor instável.

A marca da *degeneração* parece, no contexto de Alana, “produzir” sujeitos emocionalmente instáveis. Ou seria o humor instável produto da inscrição repetida nos sujeitos dessa marca, a ponto de terminarem por como faz Alana “*aceitar essas coisas para encerrar a conversa?*” A figura de Antônia é especialmente interessante para esta reflexão. Antônia carregava diversas marcas da degeneração: era homossexual, afeminada e soropositiva. Nas palavras de Alana:

Ela [Antônia] era uma louca, dormia na rua sempre bêbada, ficava de bunda de fora dentro do Ocidente, jogava drinque na cara das pessoas. E eu achava aquilo muito mágico. Tipo, oi gente? Era uma louca! E comecei a conversar para ver quem era essa pessoa, fui me aproximando dela e vi que ela não era nada louca. Ela era a pessoa mais consciente que eu tinha conhecido até então na vida, era tudo um personagem. (Alana, 2015)

O relato de Alana acerca de Antônia remete ao conceito de *performatividade* proposto por Butler (2014). A performatividade tem relação com todo um espectro de relações discursivas que envolvem a designação de como os indivíduos falam, agem e pensam em relação à um universo social, que, por sua vez, mantém suas normativas a partir dessas classificações. A performatividade também pode ser uma forma de subverter a ordem normativa através de seus próprios mecanismos.

Esta seção concentrou-se em refletir acerca das raízes dos dispositivos normalizadores que pautam as construções de gênero. A próxima seção aprofunda-se no conceito de performatividade dos gêneros e sua relação com as representações culturais.

5.2 Beleza e Performance dos Gêneros

Para Butler (2014, p. 128), gênero “é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. Performar um gênero, portanto, implica em assumir um conjunto de características que foram cristalizadas como masculinas ou femininas ao longo de séculos. Conforme observa Butler:

Se a noção de uma substância permanente é uma construção fictícia, produzida pela ordenação compulsória de atributos em sequências de gênero coerentes, então o gênero como substância, a viabilidade de homem e mulher como

substantivos, se vê questionado pelo jogo dissonante de atributos que não se conformam aos modelos sequenciais binários (BUTLER, 2014, p. 55).

Desta forma, “a aparência de uma substância permanente ou de um eu com traços de gênero (...) é produzida pela regulação de atributos segundo linhas de coerência e culturalmente estabelecidos” (BUTLER, 2014, p.55). A difusão dessa “aparência de substância” é feita por meio de representações, as quais incluem as práticas de significação e os sistemas simbólicos. Segundo Woodward (2009) é através dos significados produzidos pelas representações que conferimos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. O autor observa que:

Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis questões: Quem sou eu? O que poderia ser? Quem quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais podem falar (WOODWARD *apud* AMARAL; DOMINGOS, 2011)

Alana diz que sua busca sempre foi pela beleza. Diz que “virou garota” para ficar mais bonita, pois como “bicha” não se considerava bonita. Ela associa beleza masculina a ser “viril”, e beleza feminina a ser “delicada”. Pode-se perceber que a performance dos gêneros através dos conceitos externos de beleza na fala de Alana está diretamente relacionado à uma lógica naturalista de divisão dos sexos, amplamente difundida através das representações culturais.

Nesse sentido, Butler (2014, p. 199) observa que: “como discursivo e perceptivo, o “sexo” denota um regime epistemológico historicamente contingente, uma linguagem que forma a percepção, modelando à força as inter-relações pelas quais os corpos físicos são percebidos”. Esses discursos estariam ordenados de forma a manter uma “unidade de experiência” causal entre sexo, gênero e desejo dentro da lógica da “heterossexualidade estável e oposicional”. Butler afirma que a linguagem que se refere aos corpos ou ao sexo não apenas descreve, mas constrói aquilo que nomeia, isto é, produz os corpos e os sujeitos. Esse é um processo desde sempre imposto ao sujeito, já que este uma vez não decide sobre o sexo que irá assumir (LOURO, 2001).

Ao falar de beleza, Alana retoma uma expressão que usou várias vezes durante seu relato:

O espelho é bem importante para todo mundo e se tu vê e o que está refletindo te agrada, então pra ti tudo bem, tu não quer mudar aquilo. Ai se não te agrada, não, só um pouquinho. Porque tinha uma coisa fora do lugar. Eu sempre soube que tinha uma coisa fora do lugar. (Alana, 2015)

Ser *garota* parece, na trajetória de Alana, apaziguar essa sensação de algo “fora do lugar”. Quando descreve o início do processo de tornar-se garota, diz que, ao usar maquiagem e roupas femininas, foi vendo que sentia-se mais bonita. Alana traz o processo da transição como algo que se dava com naturalidade, até sua entrada no mercado de trabalho. O preconceito sofrido ali, principalmente por parte de sua ex-chefe, parece ter “quebrado” essa fluidez em sua transição.

Algo que chamou nossa atenção durante o processo de reconstrução da história de vida foi como as noções de gênero e sexualidade são imbricadas no processo de auto-significação de Alana. No segundo momento da entrevista, onde alguns pontos do relato inicial foram aprofundados, a interlocutora revisitou as memórias infantis de forma peculiar. Ao contar um episódio que a remetia a alguma inconformidade em relação ao seu gênero, contrapunha com outro onde sentia que sua preferência por atividades associadas ao feminino não lhe causavam desconforto. Ela não parecia querer dar legitimidade a nenhuma das alternativas; às vezes começava com um episódio em que sentia desconforto, contrapondo-o com outro em que não sentia, e às vezes fazia ao contrário – sem oferecer nenhuma conclusão a esse respeito.

Esse mecanismo revelado pela forma de significação de Alana acerca de suas vivências nos aproxima do diálogo interno que ela estabelece atualmente acerca de sua generificação. Embora esse diálogo pareça estabelecer-se a partir de uma imposição externa, fica claro que a interlocutora tenta buscar indícios que de alguma forma aproximem-na de uma coerência acerca de seu trânsito entre os gêneros.

A esse respeito, Butler (2014, p. 43) observa que “os gêneros inteligíveis são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”. Mesmo os espectros de descontinuidade e incoerência só podem existir em relação às normas existentes, e “são constantemente proibidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente construído e a expressão ou efeito de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual” (BUTLER, 2015, p. 44).

Se, para Alana, ter virado garota, de certa forma, “colocou as coisas no lugar”, para sua mãe, foi o contrário. Quando finalmente se resignou com transição da filha, ela passou, então, a pressioná-la para que fizesse intervenções cirúrgicas, trocasse de nome e usasse roupas refinadas. Alana se recusa a submeter-se às imposições da mãe. Ela descreve a mãe como sendo alguém que dá muito valor à opiniões externas. Segundo Alana, para sua mãe, “*o que importa é a pose*”.

Nesse caso, a performatividade de Alana acaba por revelar o caráter artificial do comportamento social de sua mãe. Segundo Butler (2014), a performatividade tem o poder de denunciar a arbitrariedade e a fragilidade das identidades de gênero culturalmente construídas, já que é possível performá-las para além da correspondência biológica dos corpos, como um *modus operandi* do tornar-se um ser social.

A beleza, no contexto de Alana, parece ter conotações bastante profundas. Ela diz que a beleza é o que dá sentido à sua vida, e que acha que vai morrer quando não se sentir mais bonita. Observa-se, no discurso de Alana, que a palavra *beleza* vem carregada de uma série de outros significados. Ser *garota* e ser *bonita*, no contexto de Alana, parecem significar ser “ela mesma”. A figura que parece ter servido de referência na construção de Alana como “garota” é Antônia. A atitude performática e libertária de Antônia contrapõe a submissão opressiva de sua mãe às práticas sociais normalizadoras.

A performance acontece através da repetição discursiva de um ordem linguística já compartilhada (BUTLER, 2014). Quando o indivíduo interrompe com essa ordem, ele performa outras possibilidades que podem transgredir esses mesmos códigos. Nesse sentido, o corpo emerge como um agente da cultura, “uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os comprometimentos metafísicos de uma cultura são inscritos e assim reforçados através da linguagem corporal concreta.” (BORDO, 1997, p.19).

Baitello Junior (2005) vê o corpo como a primeira forma de mídia da qual o indivíduo pode usufruir. Para o autor, o corpo é um canal de comunicação, a “mídia primária”. Baitello observa que:

A comunicação não é apenas ferramenta do homem, ou seu instrumento; a cultura não é apenas um entorno de cenografia ou um pano de fundo decorativo. Tanto os processos comunicativos quanto os processos culturais se desenvolvem como ambientes sociais e históricos complexos que não resistem a visões reducionistas ou simplificadoras (BAITELLO, 2005: p. 7).

Esta seção concentrou-se em abordar o conceito de performatividade dos gêneros, bem como a relação entre os conceitos de beleza presentes a Alana em relação às suas percepções acerca de sua generificação. A próxima seção traz uma reflexão sobre gênero a partir da perspectiva dos estudos culturais.

5.3 Dimensões Femininas da Identidade

A normalização da identidade é uma das formas mais sutis de exercício do poder, uma vez que, na lógica binária que rege o “jogo das identidades” (HALL, 2014), uma é sempre vista como a desejável, boa, positiva (normal), relegando à outra o papel oposto; o abjeto, o indesejável, o antinatural (SILVA, 2012).

O relato de Alana acerca de sua experiência na “cena gay” mostra que o feminino ainda é visto com a identidade “indesejável”. Ela fala sobre o aspecto depreciativo que ser um homem homossexual “afeminado” pressupõe. “*Dentro da comunidade gay é feio ser afeminado, é feio ser feminino. O feminino não é bem aceito*”. Segundo ela, “*as bichas não aceitam ser garotas*”. Atualmente, Alana sente que esse preconceito esconde uma inconformidade dos amigos gays em relação à sua condição. O fato de Alana ser uma pessoa bem colocada em seu mercado de trabalho é visto com certa revolta. Ela sente que, sempre que possível, seu sucesso é desvalorizado pelos amigos gays.

Silva aproxima as interpretações acerca das identidades de gênero aos mitos fundadores das identidades nacionais como forma de demonstrar o caráter cultural de seus mecanismos. Segundo o autor:

Os mitos fundadores que tendem a fixar as identidades nacionais são, assim, um exemplo importante de essencialismo cultural. Embora aparentemente baseadas em argumentos biológicos, as tentativas de fixação da identidade que apelam para a natureza não são menos culturais. Basear a inferiorização das mulheres ou de certos grupos “raciais” ou étnicos nalguma suposta característica natural ou biológica não é simplesmente um erro “científico”, mas a demonstração da imposição de uma eloquente grade cultural sobre uma natureza que, em si mesma, é – culturalmente falando – silenciosa (SILVA, 2012, p. 86).

Para Butler (2015), “o *sexo* impõe uma unidade artificial a um conjunto de atributos de outro modo descontínuo” (p. 199). Através das práticas reguladoras de formação e divisão dos gêneros, o mito de uma identidade coerente, unificada e idêntica a si mesma é perpetuado. Desta forma, “a própria noção de pessoa se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é incoerente ou descontínuo” (p. 43). No entendimento de Butler (2005, p. 198), o *sexo* seria “o efeito de realidade de um processo violento, dissimulado por este mesmo efeito”. Sendo assim, “tudo o que vem à tona é o *sexo*, e assim ele é percebido como a totalidade do que existe, como não causado, mas somente porque a causa não pode ser vista em parte alguma”.

O relato de Alana acerca de suas vivências como uma mulher transexual reflete as colocações de Butler acerca da percepção imediata do componente sexual. Ela fala de

homens, na maioria das vezes acompanhados pela namorada ou esposa, expondo suas partes íntimas pra ela, em lugares públicos. No “jogo das identidades” (HALL, 2014), a mulher transexual parece ocupar, em certos casos, uma posição de receptáculo, ou “bode expiatório” (BEAUVOIR, 1980) do desejo masculino heterossexual. Os supostos avanços nas relações entre o homem e o corpo feminino são reveladas em sua precariedade pelas situações descritas por Alana.

A entrevistada não parece preocupar-se em encontrar definições para o seu gênero. Em alguns momentos refere-se a si mesma como mulher, em outros como garota, em outros como travesti, em outros como transexual. Em um dado momento, foi feita uma pergunta acerca da diferença entre travesti e *crossdresser*. Ao que ela respondeu: “*ai, na verdade eu acho tudo isso uma mentira*”. A forma com que Alana descreve sua identidade de gênero vai de encontro à concepção de Hall (2014) acerca do sujeito pós-moderno, que seria:

conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelos quais somos representados ou interpretados pelos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2014, p.11-12).

Segundo Silva (2012), ao remeter as identidades aos processos discursivos e linguísticos que as produzem, pode-se incorrer novamente no erro de fixá-las, caso nos limitemos a compreender suas representações de forma puramente descritiva. Nesse contexto:

O conceito de performatividade desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é – uma ênfase que é, de certa forma, mantida pelo conceito de representação – para ideia de “tornar-se”, para uma concepção da identidade como movimento e transformação (SILVA, 2012, p. 92)

Esta seção procurou estabelecer um diálogo entre as perspectivas dos estudos *queer* e dos estudos culturais acerca das formas de produção e fixação das normas que regulam os corpos, os sexos e os gêneros, bem como refletir sobre as possibilidades de discussão acerca da identidade de gênero na vida de Alana. O próximo capítulo trará as considerações finais acerca do trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de condução desse estudo foi revelador em muitos aspectos. Entrar em contato com outro ser humano através de sua história de vida é uma experiência capaz de quebrar paradigmas de forma quase instantânea. Os problemas iniciais desta pesquisa foram se transformando a partir da transformação de nossa própria visão acerca das noções de gênero.

Ao final da etapa da entrevista, pudemos ver nossos esforços acerca da construção metodológica materializados nos dados levantado empiricamente. Ao abrirmos ao mundo da interlocutora, seu mundo abriu-se diante de nós. A entrevista resultou em um material rico, que procuramos reconstruir de forma a oferecer ao leitor diversas possibilidades de apropriação.

Nosso primeiro objetivo específico consistia em descrever o processo de generificação sociocultural de uma transexual. Acreditamos que a reconstrução da narrativa de vida dá conta deste objetivo melhor do que qualquer aproximação teórica ou hipótese que possamos formular. O processo está descrito, e cabe ao leitor apropriar-se dele de forma a fazer suas próprias reflexões. Acreditamos consistir nesta etapa a parte mais relevante do nosso trabalho.

Nosso segundo objetivo específico consistia em verificar como as práticas comunicativas são demarcadores do processo de identificação/performance de gênero da interlocutora. Com base na aproximação às teorias feita no capítulo anterior, observamos que as construções normativas que enquadram comportamentos descontínuos entre sexo, gênero, prática sexual e desejo como desviantes estão presentes nos processos comunicacionais cotidianos vivenciados pela interlocutora. A influência das marcas atribuídas aos “desvios”, comunicadas à Alana desde a infância, se fazem presentes no diálogo interno estabelecido pela mesma acerca de sua generificação até os dias atuais.

Ainda sobre as práticas comunicativas, observamos que a aproximação dos conceitos do corpo enquanto mídia primária (BAITELLO, 2005) e *performatividade* (BUTLER, 2014) revelou perspectivas interessantes no contraste com a história de vida de Alana. O caráter subversivo da combinação dessas abordagens relaciona-se à figura de Antônia, um dos referenciais mais presentes à construção da interlocutora como mulher transexual. Observamos também que as noções de beleza presentes à interlocutora relacionam-se mais a um conforto, uma ideia de ter “as coisas no lugar” do que propriamente à beleza como se entende comumente. Os conceitos de beleza de

Alana parecem estar calcados em uma lógica naturalista da divisão dos sexos, amplamente difundida através dos processos comunicacionais.

Por serem, tanto pesquisadora como entrevistada, profissionais que participam no processo de produção de conteúdos midiáticos, a aproximação do diálogo estabelecido no decorrer da pesquisa ao atravessamento com os meios de comunicação não teria como dar-se de forma a partilhar da ilusão de supremacia desses discursos. A partir da aproximação entre nossa experiência – tanto no estudo quanto na prática profissional de atividades ligadas aos meios de comunicação – e os conceitos teóricos abordados no capítulo anterior, observamos que os nossos tempos tem revelado o caráter performático da crença nos discursos midiáticos como determinantes na construção das identidades individuais.

Acreditamos que as práticas comunicativas são determinantes na construção das noções individuais. Em nossa visão, a comunicação perpassa todas as camadas da construção da identidade dos indivíduos que vivem em sociedade, e, portanto, é de extrema importância que a dimensão sócio comunicativa seja abordada para além da perspectiva midiática quando se pretende refletir acerca da construção das noções de gênero.

Nosso terceiro objetivo específico consistia em entender como a dimensão da feminilidade sustenta as escolhas simbólicas e materiais da vida de uma mulher transexual. Nesse sentido, observamos que as figuras femininas tem grande destaque na trajetória da interlocutora. Apesar de ter muitos conflitos com a mãe, Alana remete-se a ela diversas vezes durante a fala. Sua relação de identificação/oposição à mãe é algo bem presente em seu relato. A ex-chefe também se faz muito presente em sua fala. A relação com a ex-chefe parece ter sido bastante traumática para Alana. Algo que chamou nossa atenção foi o fato de ela utilizar a palavra *bullying* para se referir à discriminação sofrida através da ex-chefe, não tendo utilizado essa palavra em nenhum outro momento da entrevista. Isso leva a crer que as palavras ditas pela ex-chefe realmente machucavam Alana – de forma mais profunda do que a discriminação dos colegas e dos amigos do “meio gay”.

Ainda sobre as dimensões femininas da identidade na trajetória de Alana, observamos que boa parte das discriminações e assédios sofridos por ela na vida adulta – especificamente por parte dos homens – assemelham-se muito à vivências comuns também na vida de mulheres cisgêneras. A inconformidade dos amigos gays com o sucesso profissional da interlocutora e o desprezo dos mesmos por trejeitos “afeminados” deixa claro que a identidade feminina ainda é vista como indesejável. A

reclusão causada pelo assédio diário sofrido por Alana por parte de homens desconhecidos nos mostra as consequências do ódio ao feminino que ainda pauta as relações sociais no contexto atual.

O contato com Alana, pessoalmente, e também através de seus relatos, que tem nos acompanhado diariamente há quase dois meses, abriu muitas possibilidades de reflexão que relacionam-se aos problemas iniciais desta pesquisa. Alguns desses atravessamentos foram abordados no capítulo anterior. O que foi mais contundente, contudo, é difícil de ser expresso por meio de teorias. A partir do relato de vida da entrevistada, o que ficou no lugar de uma *ideia* de *construção* foi uma *sensação* de *fluidéz* nesse trânsito entre os gêneros.

A trajetória de Alana por entre os gêneros masculino e feminino ao longo de sua vida, em nossa visão, não resume-se à performance de suas marcas culturalmente estabelecidas. Em nosso contexto, a aproximação da história de vida de Alana aos conceitos da teoria *queer* intencionou estabelecer um diálogo com a corrente teórica vigente acerca dos temas da investigação. Nossa visão não se conforma à ideia de que a existência humana se dê através de discursos. Não obstante a importância de denunciar a arbitrariedade de construções sociais que geram opressão e marginalização de certos grupos, acreditamos que existem outras dimensões a serem exploradas acerca das temáticas de gênero para além das críticas às construções sociais e seus discursos.

Conforme observa Maurice Merleau-Ponty (2015):

Meu movimento não é uma decisão de espírito, um fazer absoluto, que, do fundo do retiro subjetivo, decretasse alguma mudança de lugar miraculosamente executada na extensão. Ele é a sequência natural e o amadurecimento de uma visão. De uma coisa digo que ela é movida, porém meu corpo, este, se move, meu movimento se desdobra. Ele não está na ignorância de si, não é cego para si, irradia de um si (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 19).

Vemos na abordagem biográfica um bom instrumento para o registro da dimensão do movimento na vida de uma mulher transexual. Acreditamos ser esta uma alternativa, uma “aposta ao futuro” (BERTAUX, 1993), para o desenvolvimento de novos olhares acerca das temáticas desta pesquisa, partindo da perspectiva dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Muriel; DOMINGOS, Adenil. **(Re)modelando o corpo midiático**: relações de representação e teoria queer na contemporaneidade. In: Anais do II Simpósio Gênero e Políticas Públicas, ISSN 2177-8248 Universidade Estadual de Londrina ,18 e 19 de agosto de 2011.

ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pillar. **Transexualidade e Movimento Transgênero na Perspectiva da Diáspora Queer**. In: Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, 5., 2010, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: ABEH, 2010.

BARROS, Vanessa Andrea de; BARROS, Carolye Reis; NOGUEIRA, Maira Luísa Magalhães. **“Conte-me sua história”**: reflexões sobre o método de história de vida. *Mosaico: estudos em Psicologia*, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

BARROS, V. A. & Silva, L. R. (2002). **A pesquisa em História de Vida**. In: I. B. Goulart (org.) *Psicologia Organizacional e do Trabalho; teoria, pesquisa e temas correlatos*.(pp. 134-158). São Paulo: Casa do Psicólogo

BAITELLO JR, Norval (2005). **Incomunicação e Imagem**. In. BAITELLO JR, Norval; CONTRERA, Malena Segura; MENEZES, José Eugênio de O., (Org.). *Os meios da incomunicação*. São Paulo: Annablume; CISC.71-80..

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **La perspectiva biográfica**: validez metodológica y potencialidades, en *La historia oral. Métodos y experiencias*, Marina, J. y Santamarina, C., Debate, Madrid, 1993.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BORDO, Susan R. **O corpo e a reprodução da feminidade**: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M., BORDO, Susan R. (orgs.) *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Trad: Britta Lemos de Freita.- Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1997.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**. Barcelona: Paidós, 2002.

_____. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CÁCERES, Luis Jesús Galindo. **Sabor a ti**: metodología cualitativa en investigación social. Xalapa, Universidad Veracruzana, 1997.

CÉ, Lucas. **O Desaparecimento de Alain**: Movimento e Pertencimento na Vida de um Migrante. 2015: Porto Alegre, PUCRS.

- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas**: O antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. Vamos referenciar o próprio.
- GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 2000.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais** 8ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GÓMEZ, Orozco. **Tendencias generales en la investigación de los médios**: un encuentro pendiente. In: Comunicación y Sociedad (DECS, Universidad de Gadalajara) n. 30, p. 101-125, mai/ago 1997.
- GRISA, Jairo. **Histórias de ouvinte**: a audiência popular no rádio. Itajaí (SC): Univali, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.
- _____. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 103-133.
- LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Curitiba, 2014. 342 f.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma abordagem pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. **Teoria Queer – Uma Política Pós-Identitária para a Educação** In: *Estudos Feministas*
- LUDWIG, Kamila. **Filhos da Violência Conjugal**: Pesquisa Biográfica com Órfãos. 2015: Porto Alegre, PUCRS.
- MARINAS, José; SANTAMARINA, Cristina. **Historias de vida e historia oral**. In J. Delgado & J. Gutiérrez (Eds.), *Métodos y Técnicas Cualitativas de Investigación en Ciencias Sociales* (pp. 225-240). Madrid: Editorial Síntesis, 1995
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De la Comunicación a la Cultura**: perder el "objeto" para ganar el proceso. *Signo y Pensamiento*, vol. XXX, núm. 60, enero-junio, 2012, pp. 76-84 Pontificia Universidad Javeriana Bogotá, Colombia.
- MELO, José M. **Nem apocalípticos, nem integrados**. In: *Cadernos IBRACO Simpósio "Propaganda e Sociedade - o positivo e o negativo"*, nº 2, Agosto/1991, São Paulo, p.113.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2015

NUNES, M. S. ; MELO, O. C. . **Comunicação e Gênero**: diálogos com a Teoria Queer. 2013. (Programa de rádio ou TV/Mesa redonda)

MISKOLCI, Richard . **Ameaças do Presente** (resenha do livro American Egenics de Nancy Ordover). cadernos pagu, Campinas, n.21, p.1327-334, 2003.

_____. **Do Desvio às Diferenças**. In: Teoria & Pesquisa. Dossiê Normalidade, Desvio, Diferenças. São Carlos, Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2005. p.9-42

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume, 2006.

RIBEIRO, Maria das Graças; SANTOS, Rosângela **O método "história de vida" e seu uso em pesquisa de enfermagem com gestante HIV positivo**. In: Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, vol. 4, núm. 1, abril, 2000, pp. 47-54 Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Brasil

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa: uma introdução**. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

SANTOS, Hermílio. **Ação e relevância em narrativas de adolescentes autoras de atos infracionais**. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v2, n2, jul-dez 2012, p. 489-512.

SANTOS, Hermílio, OLIVEIRA, Patrícia e SUSIN, Priscila. **Narrativas e pesquisa biográfica na sociedade brasileira**: revisão e perspectivas. In: Dossiê: narrativas - teorias e métodos. Porto Alegre: Civitas, 359-382, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 103-133.

SPINDOLA Thelma, SANTOS, Rosângela. **Trabalhando com a história de vida**: percalços de uma pesquisa(dora?). Revista da Escola de Enfermagem da USP. 2003; 37(2):119-26.

SUSIN, Priscila. **Construções familiares e experiências de violência**: pesquisa biográfica em uma favela carioca. 2014: Porto Alegre, PUCRS.